

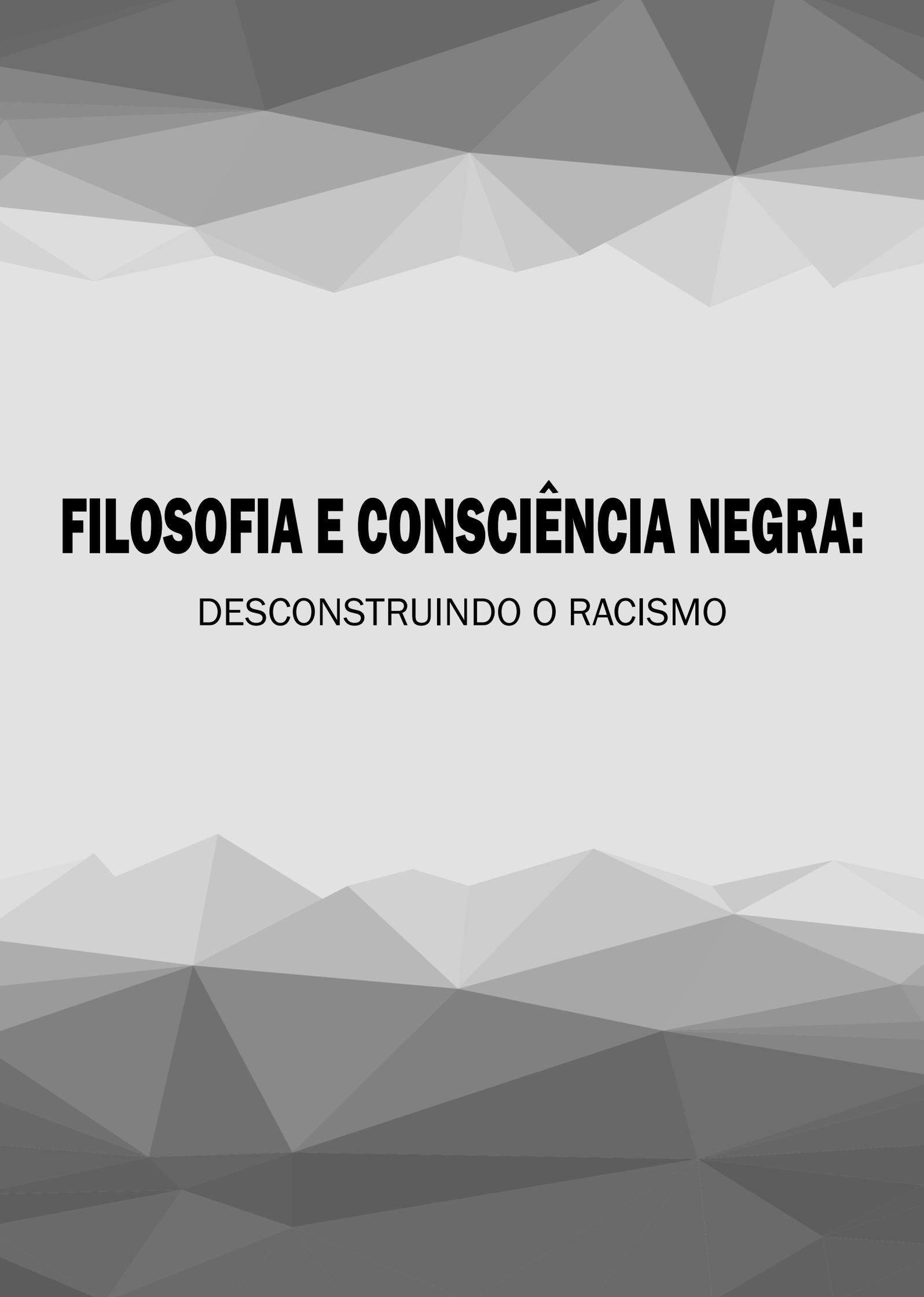
COLEÇÃO SABERES & PRÁTICAS 1

*RODRIGO MARCOS DE JESUS
EDSON CLEBES NEGRI
JUARID RIOS CÂNDIDO
(ORGANIZADORES)*

FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA:

DESCONSTRUINDO O RACISMO





FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA:

DESCONSTRUINDO O RACISMO



Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Myrian Thereza de Moura Serra

Vice-Reitor

Evandro Aparecido Soares da Silva

Coordenador da Editora Universitária

Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica

Ana Claudia Pereira Rubio

CONSELHO EDITORIAL



Membros

Renilson Rosa Ribeiro (Presidente - EdUFMT)
Ana Claudia Pereira Rubio (Supervisora - EdUFMT)
Adelmo Carvalho da Silva (Docente - IE)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (Docente - FEF)
Arturo Alejandro Zavala Zavala (Docente - FE)
Carla Reita Faria Leal (Docente - FD)
Divanize Carbonieri (Docente - IL)
Eda do Carmo Razera Pereira (Docente - FCA)
Elizabeth Madureira Siqueira (Comunidade - UFMT)
Evaldo Martins Pires (Docente - CUS)
Ivana Aparecida Ferrer da Silva (Docente - FACC)
Josiel Maimone de Figueiredo (Docente - IC)
Karyna de Andrade Carvalho Rosseti (Docente - FAET)
Lenir Vaz Guimarães (Docente - ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (Docente - FANUT)
Maria Cristina Guimaro Abegão (Docente - FAEN)
Juliana Abonizio (Docente - ICHS)
Raoni Florentino da Silva Teixeira (Docente - CUVG)
Mauro Miguel Costa (Docente - IF)
Neudson Johnson Martinho (Docente - FM)
Nileide Souza Dourado (Técnica - IGHD)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (Docente - CUA)
Paulo César Corrêa da Costa (Docente - FAGEO)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (Docente - FAAZ)
Priscila de Oliveira Xavier Scudder (Docente - CUR)
Regina Célia Rodrigues da Paz (Docente - FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (Docente - ICET)
Sonia Regina Romancini (Docente - IGHD)
Weyber Ferreira de Souza (Discente - UFMT)
Zenesio Finger (Docente - FEF)

COLEÇÃO SABERES & PRÁTICAS 1

*RODRIGO MARCOS DE JESUS
EDSON CLEBES NEGRI
JUARID RIOS CÂNDIDO
(ORGANIZADORES)*

FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA:

DESCONSTRUINDO O RACISMO



CUIABÁ-MT
2018

Copyright © Rodrigo Marcos de Jesus, Edson Clebes Negri, Juarid Rios Cândido - organizadores, 2018.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei no 9.610/98.

A EdUFMT segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F488 Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo / Rodrigo Marcos de Jesus, Edson Cleber Negri, Juarid Rios Cândido (Organizadores). - Cuiabá: EdUFMT, 2018.

102 p. : il. (algumas color.) (Coleção Saberes & Práticas ; 1)

Inclui referências

ISBN: 978-85-327-0631-7

1. Racismo e filosofia. 2. Consciência negra - Brasil. I. Jesus, Rodrigo Marcos de, org. II. Negri, Edson Cleber, org. III. Cândido, Juarid Rios, org.

CDU - 323.118 (=414)

Bibliotecária Consuelo O. Melo – CRB-1/1468

Supervisão Técnica: Ana Claudia Pereira Rubio

Coordenação: Débora Eiléia Pedrotti Mansilla
Lenicy Lucas de Miranda Cerqueira
Luzia Aparecida Palaro
Maria Cristina Theobaldo
Meire Rose dos Anjos Oliveira
Renilson Rosa Ribeiro
Sérgio Antonio Wielewski

Revisão: Maria Rosa Petroni

Projeto Gráfico: Alcir Alves de Souza Júnior

Diagramação: Laura Oliveira Ribeiro



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367.

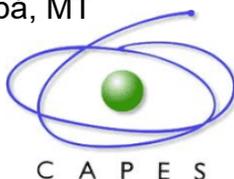
Boa Esperança. CEP: 78.060-900. Cuiabá, MT

Contato:

edufmt@hotmail.com

www.editora.ufmt.br

Fone: (65) 3313-7155



EQUIPE SUBPROJETO PIBID FILOSOFIA UFMT

COORDENADOR DE ÁREA:

RODRIGO MARCOS DE JESUS/DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA UFMT

PROFESSORES SUPERVISORES:

EDSON CLEBES NEGRI/REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MATO GROSSO
JUARID RIOS CÂNDIDO/REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MATO GROSSO

BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA:

ADRIANA VERLANGIERI FERREIRA MENDES/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
ANA STELA ROSSITO CARNEIRO/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
BEATRIZ CRISTINA ABRAHÃO FERREIRA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
BRUNO DE MIRANDA MOURA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
DOUGLAS CASTRO DE JESUS/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
EVERTON JOSÉ ALVES/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
FREDERICO GUILHERME SOUZA COUTINHO/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
GIULIA SANTOS DE LIMA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
JAQUELINE SILVA GONZAGA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
JENIFFER REGINA RODRIGUES DE LIMA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
KALLEMAN RAMOS DE FIGUEIREDO/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
LIZA CAROLINA DABELA LANOVA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
MARIA ELOISA MORAES DE SÁ/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
MARIANA DE OLIVEIRA NEVES/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
SILIO GIOVANELLI/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
THIAGO VICTOR CORRÊA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT
YASMIN NOBRE DA SILVA/LICENCIATURA EM FILOSOFIA UFMT

PREFÁCIO

A ideia de que os seres humanos são distintos entre si e que essa distinção constitui grupamentos, identificados como raças, atravessou séculos como uma verdade incontestável, legitimada pelas perspectivas religiosa, econômica e científica, com profundos enraizamentos no século XIX e com consequências extensivas até os dias atuais.

Pensadores do mundo ocidental passaram a produzir um tipo de discurso que impunha sobre os que consideravam diferentes estigmas de inferioridade, de incapacidade intelectual e de convivência social, dentre outros, fazendo com que passassem a ser vistos e tratados como indesejáveis, perigosos e pesos mortos para as sociedades, apesar de sua imprescindível importância na produção da cultura material e imaterial e das riquezas econômicas das nações consolidadas e em processo de formação. Desse modo, contribuiu para a produção e a alimentação de um enquadramento do imaginário social de povos de vastas regiões do mundo, o que resultou em práticas sociais racistas ainda persistentes na atualidade. O racismo científico, poderosa arma imperialista, considerando a definição que lhe fora atribuída por Hannah Arendt, tornou-se, também, base dos projetos de nação, especialmente na América Latina, onde foi, plenamente, acolhido.

O Brasil não se eximiu desse processo. Muito pelo contrário: setores dominantes da elite brasileira não somente adotaram as concepções racistas, como as adaptaram, em muitos aspectos, à realidade local. Tais concepções se tornaram uma ideologia tão abrangente, que, no final do século XIX, e em boa medida no decorrer do século XX, orientaram as políticas públicas em todos os seus aspectos, a literatura, a historiografia, os currículos escolares, as interpretações sociológicas, a medicina, enfim, todas as áreas do conhecimento, e estabeleceram a ideia de branqueamento como uma necessidade nacional e a ideia de democracia racial como um aspecto do patrimônio cultural brasileiro, naturalizando as desigualdades raciais no cotidiano social.

Consequência desse processo se reflete na maneira como grande parcela da população brasileira lida com sua identidade: embora existam indígenas, europeus e africanos na base da formação do povo brasileiro e de seu patrimônio cultural, exalta somente elementos de origem europeia, em detrimento do reconhecimento e da valorização dos elementos de matrizes indígena e africana, o que resulta em sérios prejuízos identitários, econômicos e sociais, vista a desconsideração de dois terços dos elementos que constituem o Brasil.

A educação escolar brasileira percorreu o século XX cumprindo o papel de traduzir aos níveis do currículo cotidiano as concepções raciais do século XIX que interpretavam as diferenças humanas, especialmente em referência à cor da pele e à textura dos cabelos, como suficientes para que se pudesse afirmar a existência de raças diferentes na composição da humanidade. Essas interpretações serviram de referência para a afirmação da superioridade de um grupo sobre outro, colocando em dúvida a humanidade dos grupos negro e indígena em relação ao grupo branco.

A reversão dessa realidade exige a elaboração e configuração de um novo projeto de nação, capaz de pautar seus componentes em igual reconhecimento e valorização.

A luta dos movimentos sociais, particularmente a do movimento social negro, fortalecida pelos estudos e pesquisas voltados à compreensão de como se configuram as relações raciais no Brasil e do racismo estruturante dessas relações, assim como pelos atos internacionais de combate ao racismo, dos quais o Brasil é signatário, registra tímidos, mas importantes avanços. Na educação escolar, um aspecto marcante, embora não suficiente, se define pela Lei n. 10.639/2003, que teve por finalidade alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n. 9394/1996), tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana em todo o sistema nacional de ensino, abrangendo, consequentemente, tanto as redes públicas, sob a responsabilidade dos diferentes entes da federação (municípios, estados, nação), quanto a rede privada, em todos os níveis e modalidades de ensino de sua atuação. Em decorrência dessa alteração, a Resolução

01/2004 do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e estabelece, em seu Art. 1º, que tais diretrizes devem ser “[...] observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores”.

Isso significa que, se os estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio públicos e privados estão obrigados a desenvolver estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena, compete às instituições de ensino superior promover a formação inicial e continuada desses profissionais, para que suas práticas docentes contribuam para a efetivação dessas diretrizes à medida que atuam na educação básica. A redação trazida à LDB n. 9394/96, pela Lei n. 10.639/2003, recebeu ajustes por intermédio da Lei n. 11.645/2008, tornando obrigatório “o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. Portanto, educação das relações étnico-raciais na sociedade significa considerar, igualmente, em todos os níveis e modalidades de ensino, as matrizes de formação brasileira: indígena, europeia e africana.

O Projeto de Incentivo à Docência do curso de Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, câmpus Cuiabá-MT, coloca-se em sintonia com as demandas sociais e com as diretrizes da educação nacional quanto à contribuição para que futuros docentes em formação inicial entendam o racismo e as desigualdades raciais, suas causas e consequências como um problema social. O mesmo Projeto também enfatiza a importância da filosofia, na atualidade, para a oferta de quadros de referência que subsidiem a prática pedagógica da educação escolar na elaboração de visões de mundo e de relações que tenham por fundamento a alteridade, de modo a promover a superação do etnocentrismo e do racismo vigentes no currículo escolar e nas relações sociais.

O caderno “Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo” desafia estudantes de graduação no curso de Filosofia a discutir o racismo e, igualmente, a refletir sobre as bases episte-

mológicas da área em relação ao tratamento dispensado à “raça” na interpretação da humanidade. Além disso, propõe-se a subsidiar o debate com referenciais teóricos que apresentam novo entendimento no trato das diferenças humanas e do racismo.

Ao propor iniciar as discussões a partir de produções artísticas, materializa possibilidade de desenvolvimento de uma prática educativa multidisciplinar quanto à educação das relações étnico-raciais, trazendo, efetivamente, contribuição de diferentes áreas para a realização da educação antirracista.

Vale destacar a importância desse movimento, que explicita o entendimento de que a expressão “em especial”, utilizada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ao estabelecer que os “conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras”, não limita as possibilidades de atuação nem na formação superior, nem na educação básica. Além disso, coloca a proposta em sintonia com vasta produção que subsidia a prática educativa multidisciplinar, possibilitando a articulação de experiências de diferentes campos de conhecimentos, tendo em vista melhor alcance dos objetivos propostos em relação ao processo educativo escolar.

O caderno “Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo” está estruturado em dois capítulos. No capítulo I, apresentam-se conteúdos para subsidiar entendimento sobre o racismo como construção social que tem se dado ao longo do tempo. Nele, serão encontrados, também, alguns conceitos básicos necessários à compreensão das questões apresentadas. No capítulo II, o caderno traz contribuições das filosofias africana e latino-americana, ainda pouco incorporadas ao currículo dos cursos superiores. Ambos os capítulos são ricos em atividades complementares, questionamentos, sugestões de leituras e filmes, instigando os estudantes à construção de caminhos para o aprofundamento das questões estudadas no caderno.

Compreende-se que a edição da obra vinculada a um subprojeto de Filosofia no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de

Iniciação à Docência – Pibid configura louvável iniciativa voltada à promoção do pensar para discutir um dos principais problemas do mundo atual: o racismo. Ao mesmo tempo, significa um importante desafio tanto para o curso quanto para a Universidade de se questionar sobre quais são e onde se localizam os entraves à efetivação da educação das relações étnico-raciais no ensino superior, posto que o trabalho realizado, resultando na produção do presente caderno, aponta a existência de disposições para sua realização tanto no âmbito docente quanto discente.

No Brasil, o racismo estrutural tornou áridas as práticas humanas e institucionais, particularmente no tocante ao reconhecimento da contribuição das parcelas da população brasileira indígena, negra e branca em igual importância. Um dos importantes aspectos que essa iniciativa revela é o fato de constituir-se prova de que é possível trazer de maneira efetiva a educação das relações étnico-raciais para a formação no ensino superior, considerando quadros de referências que instiguem não apenas à alteridade no processo educativo, com possíveis repercussões sociais no trato das diferenças, como também à superação das iniquidades consequentes do racismo. Igualmente, no que tange à formação de professores, destaca-se o cumprimento do papel social da universidade para o fortalecimento da democracia em perspectiva abrangente e acolhedora a todos os segmentos, disponibilizando, para atuar na educação básica, profissionais com formação socialmente referenciada, capazes não somente de repudiar o racismo, como de atuar, pedagogicamente, para sua superação.

Cuiabá-MT, 04 de maio de 2017.

Candida Soares da Costa
Instituto de Educação – UFMT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....14

CAPÍTULO I

RACISMO CIENTÍFICO NO BRASIL E NO MUNDO

PENSANDO COM A ARTE.....16

Mulata Exportação – Elisa Lucinda.....17

Magia Negra – Sérgio Vaz.....18

RACISMO NA HISTÓRIA.....19

Darwinismo social.....20

“Modernidade” para quem?.....21

Mestiçagem – o “problema racial” brasileiro.....24

A “democracia racial” como mito.....26

CONCEITUANDO.....28

RACISMO.....28

PRECONCEITO RACIAL DE MARCA E PRECONCEITO RACIAL DE ORIGEM.....29

VOCÊ SABIA?.....30

Lei de imigração no Brasil em 1890 (texto original).....30

Lei que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor.....31

A conferência mundial de Durban e o Brasil.....31

Políticas de ações afirmativas.....32

Lei de cotas nas universidades.....32

ATIVIDADE.....33

SUGESTÕES.....34

Filmes.....34

Livros.....35

CAPÍTULO II

OUTRAS MARGENS DA FILOSOFIA: FILOSOFIAS AFRICANA E LATINO-AMERICANA

PROBLEMATIZANDO.....	38
Filosofia africana: tendências contemporâneas.....	40
<i>Corrente cultural.....</i>	<i>41</i>
<i>Corrente ideológica.....</i>	<i>42</i>
<i>Corrente profissional.....</i>	<i>44</i>
TEXTOS FILOSÓFICOS.....	46
TEXTO 1.....	46
<i>A Experiência Vivida do Negro.....</i>	<i>46</i>
TEXTO 2.....	49
<i>Racismo e Cultura.....</i>	<i>49</i>
TEXTO 3.....	50
<i>A Filosofia Ubuntu dos Direitos Humanos.....</i>	<i>50</i>
Filósofos e filósofas africanos(as).....	52
Filosofia Latino-americana: perspectivas afro-brasileiras.....	55
AFROPERSPECTIVIDADE.....	56
<i>Afroperspectividade e História da Filosofia.....</i>	<i>56</i>
FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE.....	58
<i>Ancestralidade, Encantamento e Ética.....</i>	<i>58</i>
ATIVIDADE.....	60
SUGESTÕES.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63

APRESENTAÇÃO

Caro/a estudante,

O caderno *Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo* convida a discutir um dos principais problemas do mundo atual: o racismo. Rotineiramente vemos notícias nas redes sociais e jornais ou presenciemos atitudes racistas, porém poucas vezes esses veículos de informação e comunicação investigam de maneira mais aprofundada as origens do racismo. Como surgiu? Em que momento? O racismo é fruto de mera ignorância ou já foi em algum momento apoiado pela ciência? Há tipos diferentes de racismo? Os filósofos do passado foram críticos dos discursos racistas ou reforçaram tais discursos? Essas são algumas das questões debatidas nas próximas páginas.

No primeiro capítulo, “Racismo Científico no Brasil e no Mundo”, discutiremos, através da história das ideias, a construção de algumas das teorias racistas contra os negros e os africanos nos séculos XIX e XX. Indicaremos como essas teorias, surgidas na Europa, influenciaram o pensamento e as políticas públicas no Brasil. Tal percurso servirá para começarmos a compreender um pouco melhor as relações étnico-raciais em nosso país e no mundo. Não nos enganemos, pois as ideias racistas do passado ainda permanecem no presente, por meio de estereótipos, imagens e noções desumanizadoras.

O segundo capítulo, “Outras margens da Filosofia: filosofias africana e latino-americana”, será destinado à discussão de determinadas correntes filosóficas e ideias surgidas na África e na América Latina que, de variadas formas, procuraram combater o racismo e apresentar alternativas para a construção de um mundo mais justo e culturalmente diverso. Tomaremos contato inicial com expressões filosóficas contemporâneas elaboradas em solo africano e latino-americano, com destaque para as produções brasileiras. Você descobrirá filósofos e filósofas ainda pouco divulgados no país e nos livros didáticos de Filosofia, conhecerá textos de autores fundamentais para as lutas de libertação nos países de África e da América Latina e um pouco das pesquisas recentes da área, realizadas nas universidades nacionais.

Esperamos que a leitura deste material e as discussões suscitadas durante as aulas auxiliem na compreensão do racismo e, quem sabe, contribuam para que juntos possamos enfrentar esse fenômeno que desumaniza todos e todas, tanto aqueles que o sofrem quanto aqueles que o praticam.

Bons estudos!

Subprojeto PIBID Filosofia - UFMT

CAPÍTULO I

RACISMO CIENTÍFICO NO BRASIL E NO MUNDO

Atitudes e concepções racistas são hoje em dia denunciadas e combatidas pelos meios de comunicação, pelas instituições de ensino (escolas, universidades etc), pelos movimentos sociais organizados ou por meio de leis. Mas, será que a ciência, a filosofia e as instituições oficiais sempre combateram as práticas e as noções discriminatórias? Como pensadores e cientistas modernos compreenderam as heranças africanas e a presença social dos negros? Em que medida suas concepções influenciaram ideias e políticas públicas em nosso país? Essas são algumas das questões que discutiremos ao longo deste capítulo. Propomos a investigação de alguns aspectos do racismo contra negros e africanos por meio da história das ideias. Percorreremos determinadas teorias racistas surgidas nos séculos XIX e XX que marcaram o pensamento intelectual, as políticas públicas e chegaram até nossos dias através de estereótipos e preconceitos. Conhecer essa trama histórica auxiliará a entender um pouco melhor as complexas relações étnico-raciais no Brasil e no mundo. Ao final do capítulo, apresentaremos conceitos que ajudaram a pensar o que há de comum e o que há de diferente nas distintas formas de preconceito racial.

PENSANDO COM A ARTE

Arte faz pensar. Muitas vezes, um texto literário, uma imagem ou uma música nos fazem refletir sobre um acontecimento, uma história, uma forma de expressão. A arte, assim, pode ser um bom modo de nos aproximarmos de um problema. Antes de iniciarmos nosso percurso pela história das ideias que contribuíram para disseminar concepções racistas contra negros e africanos, veremos como dois poetas questionam relações sociais e concepções ainda hoje difundidas e que guardam alguma referência com as noções e os contextos abordados neste capítulo. Leia os dois textos abaixo. Depois, em grupo, debata as seguintes questões: Que

situação é relatada no poema de Elisa Lucinda? Quais atitudes racistas são apontadas no poema “Mulata exportação”? Que concepção de “magia negra” Sérgio Vaz apresenta? Como ele problematiza a concepção comum de “magia negra”?

MULATA EXPORTAÇÃO – ELISA LUCINDA

Mas que nega linda
E de olho verde ainda
Olho de veneno e açúcar!
Vem nega, vem ser minha desculpa
Vem que aqui dentro ainda te cabe
Vem ser meu álibi, minha bela conduta
Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
(Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
Minha tonteira minha história contundida
Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaôquê;
Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
Imagem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
E o delegado piscou.
Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
com cela especial por ser esse branco intelectual...
Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
nada disso se cura trepando com uma escura!”
Ó minha máxima lei, deixai de asneira
Não vai ser um branco mal resolvido
que vai libertar uma negra:

Esse branco ardido está fadado
porque não é com lábia de pseudo-oprimido
que vai aliviar seu passado.
Olha aqui meu senhor:
Eu me lembro da senzala
e tu te lembrás da Casa-Grande
e vamos juntos escrever sinceramente outra história
Digo, repito e não minto:
Vamos passar essa verdade a limpo
porque não é dançando samba

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Elisa Lucinda

Poeta e atriz brasileira, nasceu em 2 de fevereiro de 1958, no Espírito Santo. O poema “Mulata Exportação”, publicado em seu livro de poesias *O Semelhante (1994)*, retrata a questão de submissão relacionada à raça/etnia e ao gênero, incrustado no seio da sociedade brasileira desde os tempos da colonização.

que eu te redimo ou te acredito:
Vê se te afasta, não invista, não insista!
Meu nojo!

Meu engodo cultural!
Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
não é comer uma mulata!

MAGIA NEGRA – SÉRGIO VAZ¹

Magia negra era o Pelé jogando futebol, Cartola compondo o mundo é um moinho e a Travessia de Milton Nascimento.

Magia negra é o poema de Castro Alves e o samba de Jovelina...

Magia negra é Djavan, Emicida, Racionais MC's, Thalma de Freitas, Simonal.

Magia negra é Drogba, Felakuti,

Magia negra é dona Edith recitando poesia no Sarau da Cooperifa.

Carolina de Jesus é pura magia negra. Garrincha tinha 2 pernas mágicas e negras.

James Brow e Milton Santos é pura magia.

Não posso ouvir a palavra magia negra que me transformo num dragão.

Michael Jackson e Michael Jordan é magia negra.

Cafu, Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Dona Ivone Lara, Jeferson De, Jorge Mendonça, Daiane dos Santos é magia negra.

Magia Malê Luísa Mahin Calafate.

Fabiana Cozza, Machado de Assis, James Baldwin, Alice Walker, Nelson Mandela, Tupac, isso é o que chamo de escura magia.

Magia negra é Malcon X

A Marcha de Harry Belafonte e Martin Luther King.

Mussum, Zumbi dos Palmares, João Antônio, Candeia e Paulinho da Viola. Usain Bolt, Elza Soares, Sarah Vaughan, Billy Holliday, Nina Simone é magia mais do que negra.

Eu faço magia negra quando danço Fundo de quintal e Bob Marley.

Cruz e Souza, Zózimo, Spike Lee, tudo é magia negra neles. Umoja, Espírito de Zumbi, Afro Koteban...

É mestre Bimba, é Vai-Vai é Mangueira, todas as escolas transformando quarta-feira de cinzas em alegria de primeira.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Sérgio Vaz é poeta da periferia e agitador cultural. Mora em Taboão da Serra (Grande São Paulo). Tem quatro livros editados (*Subindo a ladeira mora a noite*, *A margem do vento*, *Pensamentos vazios* e *A poesia dos deuses inferiores*), é criador da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia) e um dos criadores do Sarau da Cooperifa, evento que transformou um bar na periferia de São Paulo em centro cultural.

¹ Este poema e vídeo podem ser encontrados no site: <https://www.youtube.com/watch?v=Buo--gTL-qc8>

Magia negra é Sabotage, MV Bill, Anderson Silva e Solano trindade.
Ondjaki, Ana Paula Tavares, João Mello... Magia negra.
Magia negra são os brancos que são solidários na luta contra o racismo.
Magia negra é o RAP, O Samba, o Blues, o Rock, Hip Hop de Afrikabambaataa
Magia negra é magia que não acaba mais.
É Izzy e mais um monte de gente que é magia negra.
O resto é feitiço racista.

RACISMO NA HISTÓRIA

A história das ideias que procuraram inferiorizar negros e africanos colaborando para criação de concepções racistas pode remontar, pelo menos, à época da colonização das Américas e da instituição do tráfico transatlântico de escravos. Naquele contexto dos séculos XVI e XVII, a ideia de escravidão natural foi utilizada para justificar o sistema escravista. Mas, para as finalidades colocadas neste capítulo, enfatizaremos as teorias racistas surgidas nos séculos XIX e XX, destacando algumas das principais correntes, autores e questões do período. Essa investigação permitirá traçar um panorama amplo das ideias que marcaram o pensamento científico e filosófico e as práticas políticas discriminatórias no mundo e no país.

A partir do século XVIII, reforçou-se na Europa uma visão negativa da América, baseada numa suposta inferioridade física do continente e numa debilidade natural de suas populações. Os habitantes de origens indígenas ou africanas dessa região foram considerados condenados por natureza a uma decadência inconsequente e a uma corrupção fatal. No contexto intelectual da Europa e das Américas, novas perspectivas teóricas se destacavam. Os pensadores europeus, para legitimarem a conquista e a dominação econômica e

EUGENIA

O termo *eugenia* – *eu*: boa; *genus*: geração – foi criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton. Galton, na época conhecido por seus trabalhos como naturalista e como geógrafo especializado em estatística, escreveu seu primeiro ensaio na área da hereditariedade humana em 1865, após ter lido *A origem das espécies*. Em 1869 publicou *Hereditary Genius*, considerado o marco inicial da eugenia. Galton dizia em seu livro que a capacidade humana era função da hereditariedade e não da educação. A partir disso as políticas eugênicas proibiram casamentos inter-raciais, visando um aprimoramento das populações.

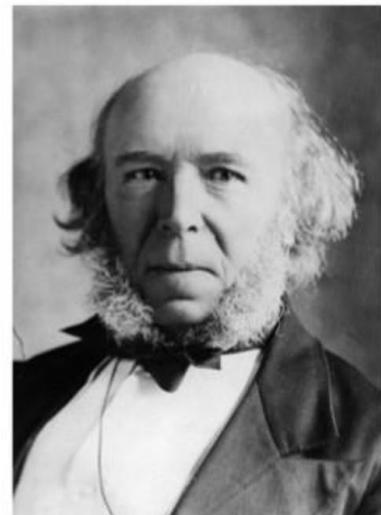
política das principais potências europeias, criaram explicações de cunho “científico” nas quais colocavam os europeus do norte como sendo melhores que os demais seres humanos do mundo, pois diziam possuir melhor herança biológica e viver num clima melhor, o que os favorecia. Diferentemente, os que moravam em um clima tropical, como na África e no Brasil, segundo esses intelectuais, jamais conseguiriam chegar a ser como os da “raça superior” – que era a dos europeus. Tais teorias ajudaram a justificar o colonialismo e o imperialismo europeu na África e na América Latina mesmo hoje sabendo que tais ideias não passavam de pseudociência, ainda existem forte imaginário e estereótipos baseados nessas noções.

DARWINISMO SOCIAL

A origem das espécies, de Charles Darwin, publicada em 1859, amenizou o embate entre **monogenistas** e **poligenistas** sobre a origem do ser humano e influenciou de forma ampla toda a sociedade. A teoria de Darwin passou a constituir um paradigma da época, tornando-se referência obrigatória. O tema do livro tratava da seleção natural das espécies, ou da persistência da espécie mais forte e adaptada, capaz de se preservar na luta pela sobrevivência. Alguns conceitos básicos da teoria de Darwin são: *competição; seleção natural; evolução e hereditariedade*.

No entanto, foram diversas as interpretações e apropriações da teoria darwinista e a noção de seleção natural acabou sendo utilizada para a análise do comportamento das sociedades humanas, surgindo, assim, o **darwinismo social**. Criado por Herbert Spencer, o darwinismo social, ou “teoria das raças”, foi uma corrente de pensamento, de cunho determinista, que considerava de forma pessimista a miscigenação. Essa corrente caracterizava-se por três ideias básicas:

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



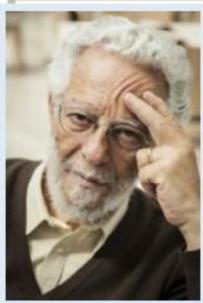
Herbert Spencer (1820-1903), Filósofo e sociólogo inglês responsável pela teoria do “Darwinismo social”, é considerado um seguidor de Comte e representante do positivismo na Grã-Bretanha. É dele a expressão “sobrevivência do mais apto” e em sua obra procurou aplicar as leis da evolução em todos os níveis.

- afirmação da realidade das raças humanas (num sentido biológico), estabelecendo distância entre as raças, tal como a existente entre o cavalo e o asno;
- defesa da existência de uma continuidade entre os caracteres físicos e os morais, determinando que divisão de raças era o mesmo que divisão de culturas;
- preponderância do grupo rácio-cultural ou étnico no comportamento do sujeito, negando o arbítrio do indivíduo.

Essas ideias contribuíram para um ideário político capaz de eliminar as supostas raças inferiores (negros, indígenas, asiáticos), comprovando a sua submissão e se convertendo em uma espécie de prática avançada do darwinismo social, a **eugenia**, cuja meta era intervir na reprodução das populações consideradas nocivas para a sociedade. Para os darwinistas sociais, o progresso estaria restrito às sociedades “puras”, não miscigenadas. Tal foi a base teórica para atitudes conservadoras na política, usando a noção de “seleção natural” como justificativa para o domínio ocidental-europeu sobre as demais populações do mundo.

“MODERNIDADE” PARA QUEM?

Se passarmos a reparar a diversidade humana existente no mundo, a própria miscigenação existente no continente em que vivemos, podemos elaborar a seguinte questão: Será que a concepção de ser humano como ser racional, que prevaleceu na Modernidade (e prevalece nos dias de hoje), sempre se referiu a todos os seres humanos do planeta Terra?



Enrique Dussel, filósofo latino-americano, nascido na Argentina em dezembro de 1934, grande expoente da **Filosofia da libertação**. Em seu livro *1492: O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade* discorre sobre a ideia de modernidade ocidental e problematiza sua lógica.



O filósofo argentino Enrique Dussel desconfiou dessa “referência moderna” e tentou superá-la, denunciando seus aspectos “mitológicos” e violentos. Segundo ele, a chamada Modernidade atuou desde seu início de forma reducionista, pois, ao definir o ser humano como ser racional e produtor de cultura, o pensamento moderno acabou identificando a razão e a cultura em apenas uma parte do mundo: a Europa. Esse fato – denominado *eurocentrismo* – desencadeou consequências graves e violentas com respeito a outros povos e culturas.

O domínio exercido pela Europa na Modernidade está diretamente ligado à expansão da economia capitalista, que afetou outros povos ao redor do mundo de forma negativa. Segundo Dussel, ocorreu uma tentativa de destruir culturas inteiras e povos que não se “encaixavam” naquilo que o pensamento europeu considerava como atitudes e formas de vida racionais e civilizadas. Sendo assim, aquelas formas de pensar e de viver que não se identificavam com as formas de pensar e viver europeias eram consideradas como não-humanas, bárbaras ou selvagens. E isso justificaria um processo supostamente civilizador e modernizante dessas populações e culturas, mesmo que realizado de forma violenta e gerando sacrifícios humanos.

A defesa de que os europeus e seu projeto civilizatório seriam superiores aos de outros povos, como os africanos, está presente no pensamento de importantes filósofos ocidentais, como **Immanuel Kant** (1724-1804) e **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831), expoentes máximos da tradição filosófica. Contraditoriamente, ao mesmo tempo em que filósofos modernos e iluministas defenderam ideais de liberdade e de emancipação e suas ideias tiveram repercussões nas lutas de libertação nas Américas e em África, também ajudaram a reforçar ideias racistas.

Abaixo são apresentados trechos de textos dos filósofos Kant e Hegel em que ficam explícitos o racismo existente em seus discursos e a ideia de uma irracionalidade natural do homem não-europeu:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha mostrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constan-

temente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros. Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas (KANT, 1993, p. 75-76).

[...] a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como deus, como leis [...] o negro representa como já foi dito o homem natural, selvagem e indomável, neles nada evoca a ideia do caráter humano [...]. Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato – inexistentes (HEGEL, 1999, p. 83-86).

QUEM É?

Immanuel Kant: principal representante do Iluminismo alemão do século XVIII, afirmava a necessidade do uso da razão para o progresso da humanidade. Publicou importantes obras no campo da teoria do conhecimento, da ética, da política e da estética. Um de seus textos mais conhecidos e acessíveis é o artigo *O que é Iluminismo?*

George W. F. Hegel: filósofo alemão que exerceu grande influência nos séculos XIX e XX, considera o mundo em um processo histórico contínuo, marcado por contradições e suas superações, voltado para o alcance da autoconsciência humana e da razão. Uma de suas obras fundamentais é a *Fenomenologia do espírito*.

Entendendo as palavras

- **Monogenista** – pensadores que, ancorados nas escrituras bíblicas, acreditavam que a humanidade teria se originado de uma fonte comum, sendo os diferentes tipos humanos um produto da degeneração ou perfeição do “Éden”.
- **Poligenista** – pensadores que acreditavam que a humanidade possuía vários centros de origem correspondentes, por sua vez, às diferenças raciais observáveis.

A visão poligenista foi mais influente a partir de meados do século XIX devido às sofisticadas das ciências biológicas e à contestação da Igreja, estabelecia relações rígidas entre o patrimônio genético, as aptidões intelectuais e inclinações morais. A versão poligenista, através de análises dos comportamentos humanos, fortaleceu a interpretação de que esses comportamentos são resultados imediatos de leis biológicas e naturais. Essa interpretação ganhou força com o nascimento da *frenologia* e da *antropometria*, teorias que interpretam a capacidade humana através do tamanho e da proporção do cérebro dos diferentes povos. A frenologia acabou sendo amplamente utilizada, inclusive para justificar alguns métodos de tratamento moral do indivíduo.

Determinismo Geográfico

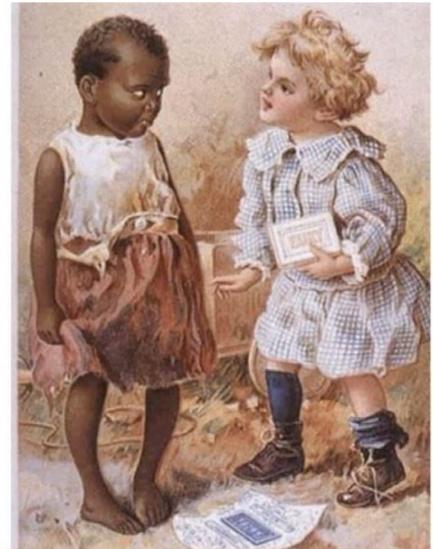
Henri Thomas Buckle (1821-1862) é o autor do livro *História da civilização na Inglaterra* que explicava o determinismo geográfico. Para os representantes dessa escola determinista, o desenvolvimento cultural de uma nação era condicionada pelo meio ambiente, sendo assim, a análise das condições físicas de um país seriam suficientes para uma avaliação objetiva de seu “potencial de civilização”. Na obra citada, Buckle analisava a topografia, o sistema hidrográfico e os ventos do Brasil, porém ele nunca esteve no país, sua obra foi baseada em escritos de viajantes que aqui estiveram, e, apesar de nunca ter feito experiências empíricas sobre os assuntos que relatou, muitos dos intelectuais brasileiros o citavam em seus textos.

Determinismo Social - Darwinismo social

Arthur Gobineau (1816-1882), teórico que influenciou vários autores brasileiros e publicou o *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1853), acreditava na “degeneração da raça” – produto da “mistura de espécies humanas diferentes”. Na América do Norte, o determinismo racial estava vinculado à política institucional na qual as raças eram divididas entre “superiores e inferiores” e relacionamentos inter-raciais não eram incentivados, mas o Brasil era uma “sociedade multirracial”. Gobineau dizia que a população do Brasil era incrivelmente feia, degenerada e infértil; para ele, a elite deveria ser naturalmente composta de brancos arianos.

MESTIÇAGEM – O “PROBLEMA RACIAL” BRASILEIRO

No Brasil, a mestiçagem acabou se tornando um problema, já que a miscigenação era sinônimo de degeneração. A solução encontrada para esse “problema” foi o desaparecimento das raças inferiores (negros e índios) através do **branqueamento** da população, apenas possível com o “sabão de coco ariano”, segundo o eugênista Renato Kehl (apud DIWAN, 2013, p. 133). Esse tipo de pensamento acreditava na existência de uma superioridade racial do branco, sendo o negro a raça comumente considerada mais inferior, numa suposta hierarquia das raças presente nas elaborações de vários intelectuais brasileiros (como Sílvio Romero, Raimundo Nina Rodrigues, Batista de Lacerda, Oliveira Viana), sobretudo entre os anos de 1888 e 1930. Os ideólogos do branqueamento acreditavam que, na terceira geração de brasileiros, os traços de negros iriam ser extintos, ou seja, os traços brancos esconderiam a mistura racial existente. A propósito, as imigrações europeias para



Propaganda do sabão americano Fairy de 1900

O sabão americano que rendeu diversas polêmicas com suas propagandas racistas no começo do século passado apresentou esta campanha usando duas crianças: “Por que sua mãe não o lava com sabão Fairy?”.

o Brasil tinham também o objetivo de tornar o país mais branco e acabar com a identidade negra (confira o texto sobre a lei de imigração no “Você Sabia?”), mas, a despeito dos teóricos do racismo, a sociedade brasileira tornou-se plural devido a sua grande variedade de combinações.

“Ninguém poderá negar que no correr dos anos desaparecerão os negros e os índios das nossas plagas assim como os produtos resultantes desta mestiçagem. A nacionalidade embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano.” Renato Ferraz Kehl, eugenista brasileiro do século XX.



Capa da edição 301, de fevereiro de 2012, da revista Superinteressante.

Você percebe alguma relação entre o processo de evolução do homem presente na revista e as discussões apresentadas nas páginas anteriores?

QUEM É?

Sílvio Romero (1851-1914): crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Sua orientação filosófica passou pelo ecletismo, positivismo e firmou-se no darwinismo social de H. Spencer. Dentre suas obras, destaca-se a *História da literatura brasileira*.

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906): médico legista, fundador da antropologia criminal brasileira e pioneiro nos estudos sobre a cultura negra no país. Pesquisou sobre as origens étnicas da população e a influência das condições sociais e psicológicas sobre a conduta do indivíduo. Suas teses antropológicas expressavam as teorias racistas da época, expostas, por exemplo, em sua obra *Os africanos no Brasil*.

João Batista de Lacerda (1846-1912): antropólogo e médico, foi um dos principais expoentes da tese do embranquecimento entre os brasileiros, sendo bastante influenciado pelo determinismo geográfico e as ideias de Spencer.

Francisco José de Oliveira Viana (1883-1951): sociólogo, historiador e jurista, ocupou postos importantes na administração pública nos anos 1930 e 1940. Suas obras, versando sobre a formação do povo brasileiro, foram umas das primeiras que tentaram abordar o tema sob um prisma sociológico, ainda marcado por determinismos geográficos e sociais. Foi um dos ideólogos da eugenia no Brasil. Uma de suas principais obras é *Populações Meridionais do Brasil*.

A “DEMOCRACIA RACIAL” COMO MITO

Se num primeiro momento, como indicado acima, a mestiçagem se apresentava para os teóricos brasileiros como um problema, depois ela passou a ser vista como um símbolo positivo da identidade nacional, sobretudo após a obra pioneira de Gilberto Freyre, autor do clássico *Casa-Grande e Senzala* (1933). Nesse livro, Freyre critica fortemente a noção biológica de raça aplicada para explicar as diferenças culturais, sociais e econômicas. Além disso, investiga as contribuições dos negros africanos e dos indígenas para a constituição do Brasil, ressaltando, ao contrário da maioria dos autores do período anterior, a positividade dessas influências. No entanto, ao valorizar a mestiçagem como peculiaridade nacional responsável pela criação de uma civilização única (a brasileira), Gilberto Freyre acabou contribuindo, direta ou indiretamente, para criar o “mito da democracia racial”. Em linhas gerais, esse mito afirma que o Brasil, por caracterizar-se como um país de intensa mistura de povos (europeus, africanos e indígenas), teria promovido algo como uma “democracia racial”, em que as diferenças e preconceitos de cor e de origem étnico-racial terminariam por se dissolver numa ampla síntese mestiça, cujo representante maior seria o mulato. Dessa forma – supõe o mito – as discriminações raciais não existiriam de fato, ou tenderiam a desaparecer com o aprofundamento da miscigenação. Contudo, outros pensadores fizeram a crítica da noção de “democracia racial”, pois constatavam a permanência das desigualdades entre brancos e negros, mesmo havendo mestiçagem, e julgavam que tal ideia não passava de um mito, isto é, uma narrativa da construção da identidade nacional encobridora das profundas desigualdades entre os povos que formaram o país.

Um dos principais pensadores a criticar o “mito da democracia racial” foi o sociólogo Florestan Fernandes (2007), autor de importantes pesquisas sobre a situação do negro na sociedade brasileira. No texto a seguir, o autor discute a “democracia racial” e aponta como essa concepção termina por justificar a desigualdade entre negros e brancos:

A ideia de que existiria uma democracia racial no Brasil vem sendo fomentada há muito tempo. No fundo, ela constitui uma distorção criada no mundo colonial, como contraparte da inclusão de mestiços no núcleo legal das ‘grandes famílias’ – ou seja, como reação a mecanismos efetivos de ascensão do ‘mulato’.

No entanto, mau grado a extensa variabilidade do fenômeno ao longo do tempo e do espaço, tomou-se a miscigenação como índice de integração social e como sintoma, ao mesmo tempo, de fusão e de igualdade raciais. Ora, as investigações antropológicas, sociológicas e históricas mostraram, em toda parte, que a miscigenação só produz tais efeitos quando ela não se combina a nenhuma estratificação racial. No Brasil, a própria escravidão e as limitações que pesavam sobre o *status* do liberto convertiam a ordem escravista e a dominação senhorial em fatores de estratificação racial. Em consequência, a miscigenação, durante séculos, antes contribuiu para aumentar a massa da população escrava e para diferenciar os estratos dependentes intermediários, que para fomentar a igualdade racial.

Por isso, à miscigenação corresponderam mecanismos mais ou menos eficazes de absorção do mestiço. O essencial, no funcionamento desses mecanismos, não era nem a ascensão social de certa porção de negros e mulatos nem a igualdade racial. Mas, ao contrário, a hegemonia da ‘raça dominante’ – ou seja, a eficácia das técnicas de dominação racial que mantinham o equilíbrio das relações raciais e asseguravam a continuidade da ordem escravista.

Criou-se e difundiu-se a imagem do ‘negro de alma branca’ – o protótipo do *negro leal*, devotado ao seu senhor, à sua família e a própria ordem social existente. Embora essa condição pudesse ser, ocasionalmente, rompida no início do processo, nenhum ‘negro’ ou ‘mulato’ poderia ter condições de circulação e de mobilidade se não correspondesse a semelhante figurino. Daí o paradoxo curioso. A mobilidade eliminou algumas barreiras e restringiu outras apenas para aquela parte da ‘população de cor’ que aceitava o código moral e os interesses inerentes à dominação senhorial. Os êxitos desses círculos humanos não beneficiaram o negro como tal, pois eram tidos como obra da capacidade de imitação e da ‘boa cepa’ ou do ‘bom exemplo’ do próprio branco. Os insucessos, por sua vez, eram atribuídos diretamente à incapacidade residual do ‘negro’ de igualar-se ao ‘branco’. Essas figuras desempenharam, dessa maneira, o papel completo da *exceção que confirma a regra*. Forneciam as evidências que demonstrariam que o domínio do negro pelo branco é em si mesmo necessário e, em última instância, se fazia em benefício do próprio negro.

No contexto histórico surgido após a Abolição, portanto, a ideia da ‘democracia racial’ acabou sendo um expediente inicial (para não se enfrentarem os problemas decorrentes da destituição do escravo e da espoliação final de que foi vítima o antigo agente de trabalho) e uma forma de acomodação a uma dura realidade (que se mostrou com as ‘populações de cor’ nas cidades em que elas se concentraram, vivendo nas piores condições de desemprego disfarçado, miséria sistemática e desorganização social permanente). O ‘negro’ teve a oportunidade de ser livre; se não conseguiu igualar-se ao ‘branco’, o problema era dele – não do ‘branco’. Sob a égide da ideia de democracia racial justificou-se, pois, a mais extrema indiferença e falta de solidariedade para com um setor da coletividade que não possuía condições próprias para enfrentar as mudanças acarretadas pela universalização do trabalho livre e da competição (FERNANDES, 2007, p. 43-47, adaptado).

CONCEITUANDO

Depois de problematizar estereótipos e atitudes através da arte e de percorrer brevemente a história das ideias, agora é o momento de estabelecer alguns conceitos fundamentais. Primeiro, apresentaremos duas definições gerais de racismo. Depois, indicaremos dois tipos de preconceitos raciais.

RACISMO

A definição aristotélica do “homem” como animal racional conformou a base filosófica para o racismo no Ocidente. Para poder ser qualificado como ser humano, era necessário ser racional. O colonizador encontrou no colonizado uma surpreendente semelhança de certos traços fisiológicos. Ao mesmo tempo, havia diferenças físicas discerníveis. Estas foram utilizadas como razão para excluir o colonizado da categoria de ser humano. Declarou-se que os colonizados não eram, e nunca haviam sido, seres humanos porque careciam de racionalidade. Nem a razão, nem a racionalidade formavam parte de sua natureza, ainda que se mostrassem como seres humanos na aparência. *O selo do racismo, portanto, é a afirmação de que outros animais de aparência humana não são verdadeira e completamente humanos.*

Isso preparou o caminho para a colonização, subjugação, opressão e escravização dos colonizados, que se estendeu durante séculos. Os colonizados padeceram uma história de humilhação e desumanização. Nem a desalienação nem a abolição da escravidão conseguiram apagar por completo os efeitos desumanizadores do racismo. Pelo contrário, os descendentes dos colonizados continuam vivendo sob o peso da convicção de que a noção de “homem como animal racional” não se referia aos africanos. O atual ressurgimento do racismo sublinha a necessidade de remediar a história de humilhação e desumanização que continua ressurgindo tanto de forma aberta como de maneira sutil (RAMOSE, 2001, grifo e tradução nossos).

Racismo é a crença na inerente superioridade de uma raça sobre outra. Tal superioridade é concebida tanto no aspecto biológico como na dimensão psicossocio-cultural – esta é a dimensão usualmente negligenciada ou omitida nas definições tradicionais do racismo. A elaboração teórico-científica produzida pela cultura europeia justificando a escravização e a inferiorização dos povos africanos constitui o exemplo eminente do racismo sem precedentes na história da humanidade (NASCIMENTO, 2009, p. 21).

PRECONCEITO RACIAL DE MARCA E PRECONCEITO RACIAL DE ORIGEM

Uma distinção importante para compreendermos o preconceito racial, no Brasil e no mundo, é a apresentada pelo sociólogo Oracy Nogueira, no artigo *Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem* (2006). De forma geral, o **preconceito racial** é:

uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

Segundo esse autor, o preconceito existente no Brasil é baseado, sobretudo, na aparência (traços físicos, fisionomia, gestos, sotaque, cor), que seria o **preconceito de marca**. Já nos Estados Unidos, o preconceito racial que prevalece é baseado na **origem**, sendo exercido por suposição de que o indivíduo discriminado descende de certo grupo étnico.

Buscando apresentar um paralelo, encontramos as seguintes diferenças entre os preconceitos raciais nos dois países:

	Preconceito Racial de Marca (Brasil)	Preconceito Racial de Origem (EUA)
Quanto ao modo de atuar	Determina uma preterição; não exclui a pessoa, mas a julga inferior.	Determina uma exclusão incondicional dos membros do grupo atingido em relação às situações ou recursos pelos quais venham a competir com os membros do grupo discriminador.
Quanto à definição de membro do grupo discriminador e do grupo discriminado	Fenótipo, ligado à aparência física e em função da atitude (relações interpessoais de amizade e etc).	Genótipo, ligado à descendência do indivíduo, não importando qual etnia tenha se manifestado em maior proporção.
Quanto à carga afetiva	Tende a ser mais intelectual e estético. Se a pessoa tem pais com traços negroides, mas ela mesma tem traços de brancos, tal pessoa terá maior aceitação na vida social.	Tende a ser mais emocional e mais integral no que toca à atribuição de inferioridade ou de traços indesejáveis aos membros do grupo discriminado. O preconceito é mais irracional e emotivo, assumindo o caráter de ódio intergrupar e antagonismo.

Quanto ao efeito sobre as relações interpessoais	As relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca ou cor.	As relações entre indivíduos do grupo discriminador e do grupo discriminado são severamente restringidas por tabus e sanções drásticas.
Quanto à ideologia	Assimilacionista e miscigenacionista (racismo mais velado)	Racista e segregacionista (racismo mais explícito)

VOCÊ SABIA?

Nesta seção, são indicadas leis e referências históricas importantes que dialogam com o conteúdo do capítulo e servem como sugestões para pesquisa.

LEI DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL EM 1890 (TEXTO ORIGINAL)

DECRETO Nº 528, DE 28 DE JUNHO DE 1890

Art. 1º É inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de accordo com as condições que forem então estipuladas.

Art. 7º O Estado concederá ás companhias de transporte maritimo que o requererem a subvenção de 120 francos pela passagem de cada immigrante adulto que ellas trasportarem da Europa para os portos da Republica e proporcionalmente, na razão da metade daquella quantia pelos menores de 12 annos até 8 inclusive, e a quarta parte pelos desta idade até 3 annos, uma vez que as mesmas companhias se obriguem a preencher as formalidades constantes deste decreto, e a não receber dos immigrantes mais do que a differença entre a citada quantia e o preço integral das passagens; o que deverão provar com as declarações por elles firmadas, as quaes serão aqui verificadas no acto da chegada.

LEI QUE DEFINE OS CRIMES RESULTANTES DE PRECONCEITO DE RAÇA OU DE COR

LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional.

Art. 3º Impedir ou obstar o acesso de alguém, devidamente habilitado, a qualquer cargo da Administração Direta ou Indireta, bem como das concessionárias de serviços públicos.

Art. 4º Negar ou obstar emprego em empresa privada.

[...]

I - deixar de conceder os equipamentos necessários ao empregado em igualdade de condições com os demais trabalhadores;

II - impedir a ascensão funcional do empregado ou obstar outra forma de benefício profissional;

III - proporcionar ao empregado tratamento diferenciado no ambiente de trabalho, especialmente quanto ao salário.

Pena: reclusão de dois a cinco anos.

A CONFERÊNCIA MUNDIAL DE DURBAN E O BRASIL

No dia 7 de setembro de 2001, em Durban, África do Sul, cerca de 170 países se fizeram representar na Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, com o objetivo de definir estratégias globais de combate ao racismo e à discriminação em suas distintas vertentes e manifestações.

Embora os temas discutidos em Durban para muitos constituíssem tabu – no sentido de que poriam à mostra a crítica realidade brasileira –

o que de fato se evidenciou foi a honestidade do governo brasileiro em admitir a existência de um problema e sua disposição de, em conjunto com a sociedade civil, encarar a grandeza do combate contra o racismo, à intolerância e seus efeitos.

POLÍTICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

Ações afirmativas são políticas públicas desenvolvidas pelo governo ou pela iniciativa privada, com o objetivo de corrigir desigualdades presentes na sociedade, acumuladas ao longo de anos.

A ação afirmativa teve início nos Estados Unidos, na década de 1960, com o objetivo de melhorar as condições de vida da população negra, dada a grande segregação racial que existia naquele país. Em seguida, ações semelhantes foram adotadas em outros países. Os grupos-alvo variavam de acordo com a necessidade de cada país, estando principalmente focadas em questões de raça e gênero. As principais áreas contempladas foram o mercado de trabalho, a educação e a política.

No Brasil, as primeiras ações afirmativas datam da década de 1980. Em 1983, foi criado um projeto de lei (nº 1.332) que propunha ações compensatórias para a população negra; entretanto, o projeto não foi aprovado pelo Congresso Nacional (somente a partir de 2001 foram aprovadas políticas públicas para a população negra). Em 1988, através da Constituição, surgem ações afirmativas no mercado de trabalho, a fim de proteger mulheres e pessoas com deficiência.

LEI DE COTAS NAS UNIVERSIDADES

LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012

Art. 1º- As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Art. 3º - Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



Para saber mais sobre essas e outras leis que regem o Brasil, acompanhe o site: www.planalto.gov.br

ATIVIDADE

A partir das seguintes imagens, responda:



Ilustrações da obra Direitos humanos, do escritor e desenhista Ziraldo

No Brasil, existe o mito da democracia racial. Segundo a Constituição Federal, mais precisamente no Artigo 5º: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

De acordo com a sua vivência, você concorda que o direito à diferença tem sido respeitado na sociedade brasileira? Justifique.

SUGESTÕES

FILMES

Vênus Negra

Direção: Abdellatif Kechiche. Gênero: Drama Histórico

País/Ano: França, 2011. **Duração:** 2h44min

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Paris, 1817, na Escola Real de Medicina: “Eu nunca vi a cabeça de um ser humano tão parecida com a de um macaco”. Parado ao lado do modelo feito a partir do corpo de Saartjie Baartman, o médico Georges Cuvier é categórico em sua afirmação. Uma plateia composta por cientistas aplaude a constatação. Sete anos antes, Saartjie deixava a África do Sul como escrava de Hendrick Caezar, sendo obrigada a se exhibir em feiras de aberrações de Londres.

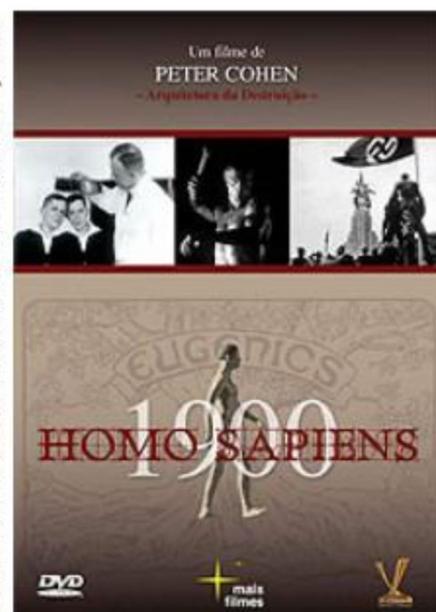
Homo Sapiens 1900

Direção: Peter Cohen. Gênero: Documentário

País/Ano: Suécia, 1998. **Duração:** 1h e 28min

Baseado em extensa pesquisa de fotos e cenas raras de arquivo, o filme discute como a eugenia e a limpeza racial foram defendidas como formas de aperfeiçoar a espécie humana e criar um novo homem. Esses conceitos foram pesquisados no decorrer do século XX, com várias tentativas de transformá-los em realidade. *Homo Sapiens 1900* é um documento precioso sobre a manipulação biológica como arma para eliminar todos os que não se adaptam ao *padrão racial* imposto por um modelo fascista de ideal humano.

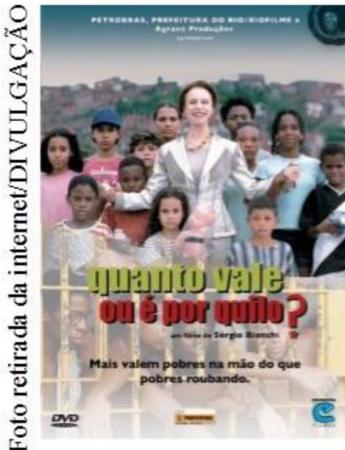
Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Quanto Vale Ou É Por Quilo?

Direção: Sergio Bianchi. Gênero: Drama.

Ano: 2005. Duração: 1h50min.



O filme traça um paralelo entre a vida no período da escravidão e a sociedade brasileira contemporânea, focalizando as semelhanças existentes no contexto social e econômico das duas épocas. Com muitos atores afro-brasileiros, a ação se desenrola nesses dois períodos históricos ao mesmo tempo.

Pele Negra, Máscara Branca

Direção: Conrado Krainer. Gênero: Documentário.

Ano: 2006. Duração: 19 min

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

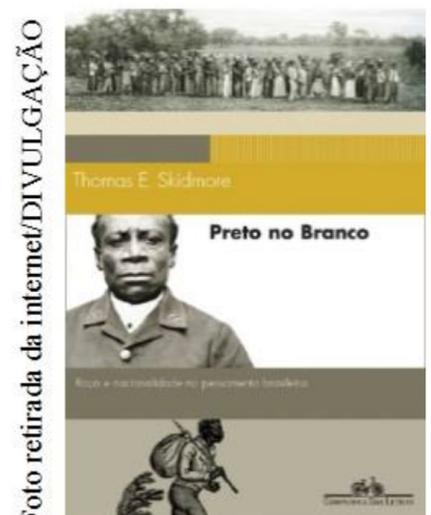


Trata-se de um documentário que aborda o racismo no Brasil, o problema da ideologia do branqueamento. Essa abordagem é feita através de uma ousada proposta de edição cujo objetivo é o de traduzir os conceitos herméticos das ciências sociais para o público leigo.

LIVROS

Preto no branco, raça e nacionalidade no pensamento brasileiro

Thomas E. Skidmore tenta compreender um momento central para a explicação do racismo na sociedade brasileira. Seu estudo, realizado nos anos 1970, causou sensação na época e ajudou a recolocar em pauta esse tema da realidade nacional. Com base nos escritos e discursos de cientis-



tas, políticos e romancistas, o livro pretende revelar que a ‘intelligentsia’ local, influenciada por padrões e formas europeus, procurou acomodar as teorias racistas então em voga - que consideravam o negro inferior e condenavam a mestiçagem - à situação local.

Casa-Grande e Senzala (1ª edição 1933)

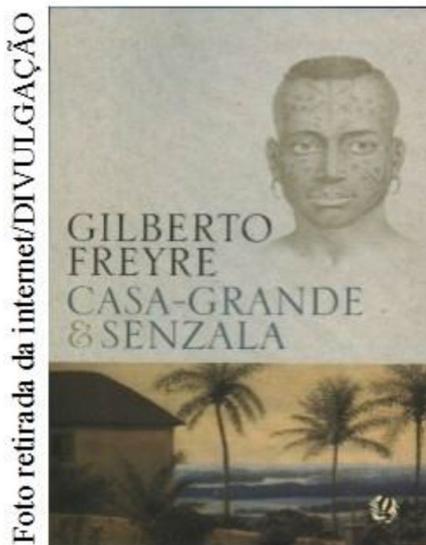


Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

O livro de **Gilberto Freyre** é um grande ensaio de interpretação do Brasil. Abordagens inovadoras da vida familiar, dos costumes públicos e privados, das mentalidades e das inter-relações étnicas revelaram um painel envolvente e instigante da formação brasileira no período colonial. Da arquitetura real e imaginária da casa-grande e dos fluxos e refluxos do cotidiano da família patriarcal, emergiram traços de convivência feita de intimidade e dominação entre senhores e

escravos e entre brancos, negros e índios, que marcaram para sempre a sociedade brasileira. Obra inovadora (pois na época de sua publicação combateu a noção biologizante de raça) e polêmica (pois contribuiu para a construção do mito da democracia racial no Brasil).

Origens africanas do Brasil contemporâneo

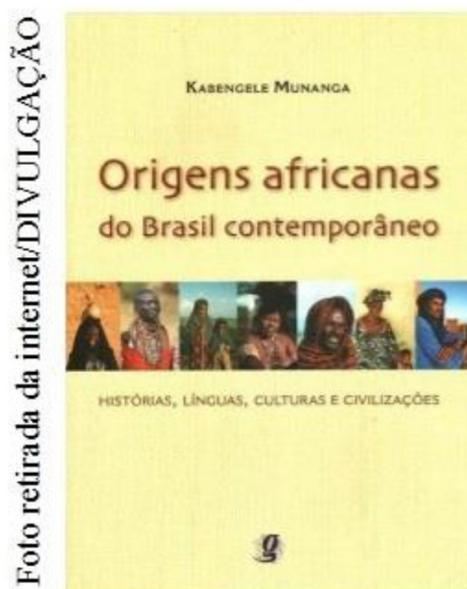


Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

Kabengele Munanga objetiva resgatar a história e a beleza da África antes da exploração e dominação brutal a que os africanos foram submetidos para justificar e legitimar sua colonização. Com textos e fotos, o autor busca arrancar a máscara bárbara imposta àquele continente com o intuito perverso de divulgar ao mundo uma África rude, selvagem e desprovida de humanidade, e nos revelar a sua verdadeira, desconhecida e harmoniosa face.

O racismo explicado a meus filhos

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Desde a antiguidade, sempre existiram várias formas e manifestações de Apartheid, anti-semitismo, preconceito, discriminação, segregação, molesto, genocídio. **Nei Lopes** apresenta origens, conceitos e informações importantes para que as crianças compreendam os males sócio-político-culturais que o racismo causa.

CAPÍTULO II

OUTRAS MARGENS DA FILOSOFIA: FILOSOFIAS AFRICANA E LATINO-AMERICANA

PROBLEMATIZANDO

A Filosofia seria uma forma de pensamento exclusiva de alguns povos? Ou será que cada povo elabora uma visão filosófica de mundo? Os questionamentos filosóficos sobre a verdade, o justo, a beleza, a finitude da vida, a existência dos deuses são, de fato, universais, isto é, válidos para todos independentemente da cultura de cada povo ou país? E as respostas a essas indagações seriam válidas para todos ou variariam de acordo com a cultura e o local? Existe uma filosofia africana? Se não existe, quais seriam as causas dessa ausência? Se existe, por que não conhecemos suas reflexões e autores? Haveria uma filosofia africana única ou diversas tendências filosóficas dentro do continente africano? Mas, se se pode falar de filosofia africana, por que tal filosofia e seus filósofos não estão presentes nos livros didáticos de filosofia?

Diante dessas questões, o filósofo Mogobe Ramose e faz a seguinte observação:

Os conquistadores da África durante as injustas guerras de colonização se arrogaram a autoridade de definir filosofia. Eles fizeram isto cometendo epistemicídio, ou seja, o assassinato das maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados. O epistemicídio não nivelou e nem eliminou totalmente as maneiras de conhecer e agir dos povos africanos conquistados, mas introduziu, entretanto, - e numa dimensão muito sustentada através de meios ilícitos e 'justos' - a tensão subsequente na relação entre as filosofias africana e ocidental na África (2011, p. 9).

Ramose considera que o que conhecemos comumente como filosofia excluiu, devido ao **colonialismo**, outras formas de filosofia presentes no mundo. Dessa forma, a filosofia foi concebida como uma exclusividade de alguns povos e culturas, notadamente a cultura ocidental europeia.

Outro filósofo, Joseph Omoregbe, discorre sobre as características da filosofia, sua relação com a experiência humana comum e como essa experiência não é exclusiva de uma cultura, mas uma presença que se pode verificar em distintas culturas. Nas palavras de Omoregbe:

Os seres humanos têm se direcionado para reflexões sobre toda a realidade. Refletir sobre uma dessas questões, buscar explicações e respostas é filosofar. Não existe uma parte do mundo onde as pessoas nunca tenham refletido acerca de questões básicas da condição humana ou sobre o universo físico. Em outras palavras, não existe nenhum lugar no mundo onde os seres humanos não tenham filosofado. A inclinação para refletir sobre questões filosóficas fundamentais faz parte da natureza humana; esta tendência está na raiz do instinto natural de curiosidade do homem – o instinto de saber.

Natureza humana e experiência humana são basicamente a mesma coisa em todo o mundo, a tendência para filosofar é constitutiva da natureza humana. Daí, o filósofo alemão Karl Jaspers ter dito que ‘o homem não pode evitar filosofar’ (Jaspers, *Introduction à la Philosophie*, Librairie Plon, 1974, p.1). Em certa medida, num sentido genérico, todo ser humano é filósofo, na medida de que uma ou outra vez na vida reflete sobre questões filosóficas fundamentais acerca da existência ou do universo físico.

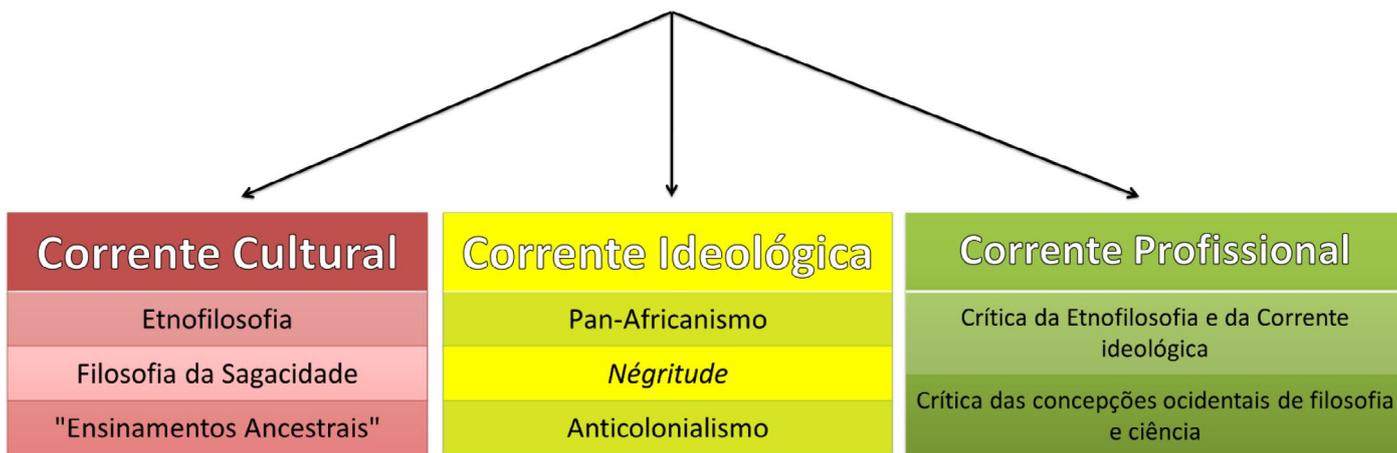
Por exemplo, nos funerais ou na hora da morte física ou do sofrimento, doença, dor, miséria, etc., os homens ficam aptos a refletir sobre o sentido da vida. Contudo, no sentido estrito do termo, um filósofo é alguém que dedica uma parte significativa do seu tempo para regularmente refletir sobre essas questões. Essas pessoas existem no mundo todo e podem ser encontradas entre todos os povos, em todas as civilizações e em toda parte do planeta. Não é apenas no mundo ocidental que as pessoas refletem sobre questões fundamentais acerca da existência e do universo. Em qualquer civilização existiam aqueles que estavam tomados pelo ‘espanto’ e maravilhados com as complexidades do ser humano e do universo físico. Pessoas que regularmente dedicavam muito tempo refletindo sobre questões fundamentais que surgiam desse encantamento com a realidade ou de sua complexidade, eram os filósofos dessas civilizações (OMOREGBE, 1998, p.3).

COLONIALISMO

Este termo refere-se às práticas, teorias e atitudes envolvidas no estabelecimento e na manutenção de um império - sendo esta uma relação na qual um Estado mantém efetiva soberania política sobre um território tipicamente distante. A presença europeia nessas colônias praticamente se reduzia aos quadros administrativos, militares, técnicos e comerciantes (necessidade de espaço, de serviço braçal, força militar e expansão comercial). A montagem de um sistema colonial de dominação de tal proporção dependia desde o início da cooperação de parte das populações locais, sem a qual não teria sido possível controlar extensos territórios. Para facilitar e justificar as formas de dominação, o colonialismo moderno criou categorias culturais e religiosas, como a definição colonial de civilização "branca, culta e inserida na História" (o que, segundo Hegel, exclui as Américas e a África); e a ideia católica de que os índios não possuíam alma. Definições como essas marginalizam a cultura do local e, de certa forma, obrigam a população colonizada a se encaixar nos padrões estabelecidos pelos colonizadores. O colonialismo é marcado principalmente pela violência e pelo "encobrimento" cultural/social/histórico do colonizado.

A partir dessas considerações, apresentaremos uma das possíveis classificações do panorama da Filosofia Africana contemporânea, destacando suas principais tendências e autores. Isso nos permitirá conhecer um pouco sobre as outras filosofias elaboradas no mundo e ampliar nossos horizontes culturais.

FILOSOFIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA



FILOSOFIA AFRICANA: TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

A Filosofia Africana não se restringe a uma única expressão. Há variadas formas de filosofia em África. Certamente, todas essas formas sofreram o impacto do colonialismo e o confronto com o pensamento filosófico ocidental. A maneira como tais elementos foram desenvolvidos na tentativa de produzir um pensamento próprio marca as distintas tendências da filosofia africana contemporânea. Alguns dos principais questionamentos referem-se à(ao): existência ou não de uma especificidade de temas e noções de um pensamento filosófico africano; relação entre modernidade ocidental e tradição africana; possibilidade de uma filosofia oral nas diversas etnias que compõem o continente; papel da filosofia nas lutas pela independência política e cultural dos países; articulação entre sabedoria tradicional e filosofia acadêmica.

A elaboração dessas tendências filosóficas contou tanto com a presença de pensadores nascidos no continente africano, que produziram

textos de cunho filosófico, quanto com negros latino-americanos e caribenhos, que assumiram alguma nacionalidade africana ou que consideravam a África como sua pátria-mãe ancestral.

Distinguiremos três grandes tendências da Filosofia Africana contemporânea. Tal divisão didática visa facilitar uma visão panorâmica e não pode ser tomada como algo fechado, uma vez que há pontos e autores em comum entre as correntes.

CORRENTE CULTURAL

A corrente **cultural** reconhece a existência de uma filosofia na África tradicional (isto é, nas diferentes etnias: dagara, dogons, iorubá, bantu, wolof, akan, dentre outras), examina os elementos filosóficos presentes em distintas manifestações culturais (na religião, nas formas de organização social, nas línguas, por exemplo) e explora de modo sistemático os complexos do pensamento tradicional. Essa corrente tende a uma forma de pensamento coletivo, transmitido oralmente e expresso nas línguas africanas autóctones. Suas ideias são frequentemente compreensíveis ao indivíduo comum e tratam do modo de vida de um povo, das regras sociais de uma comunidade, da sabedoria dos ancestrais, das relações entre o ser humano e a natureza, entre casais e entre governantes e governados, de questões religiosas, como a relação entre os mortos e os vivos, e da existência das divindades. A corrente cultural opõe-se ao mito de que os africanos possuem uma “mentalidade primitiva”, pouco desenvolvida e, por isso, seriam incapazes de produzir um pensamento abstrato, conceitual.

Dentro da corrente cultural, destacam-se três perspectivas:

a) Etnofilosofia: procura apresentar a coerência e o conjunto das cosmovisões tradicionais africanas, demonstrar a racionalidade existente nas práticas rituais, nos mitos, nos contos, nos provérbios africanos dos distintos povos. A etnofilosofia concebe o pensamento africano tradicional como filosófico e utiliza o método etnográfico para realizar suas pesquisas. Um dos marcos iniciais da etnofilosofia foi o livro *Filosofia Bantu*, do missionário belga **Placide Tempels**, sobre o pensamento dos povos de língua bantu. Outros representantes são Alexis Kagame e Kwame Gyekye.



Placide Tempels (1906 – 1977) padre e missionário belga. Escreveu o livro *A Filosofia Bantu* (1945), neste livro procurou caracterizar os traços essenciais do pensamento dos povos de língua bantu da África Central e do Sul. Tempels afirmou que o pensamento Bantu tinha como princípio fundamental a noção de força vital.

b) **Filosofia da Sagacidade:** trata dos “sábios filosóficos”, ou seja, das reflexões de uma pessoa conhecedora dos saberes do seu povo, um pensador crítico e racional. Para **Henry Odera Oruka**, o principal representante dessa perspectiva, “a filosofia dos sábios” consiste

nos pensamentos expressados por homens e mulheres sábios em qualquer comunidade dada. Esses pensamentos podem ser expressados por escrito ou como máximas não-escritas e argumentos associados a algum(uns) indivíduo(s) sábio(s). A filosofia-dos-sábios é uma maneira de pensar e explicar o mundo que flutua entre a sabedoria popular (máximas comuns bem conhecidas, aforismos e verdades gerais de sentido comum) e a sabedoria didática, uma sabedoria exposta e um pensamento racionalizado de alguns indivíduos dentro de uma comunidade (ORUKA, 1994, p.7-8, tradução nossa).

c) **“Ensinaamentos ancestrais”:** assemelha-se à etnofilosofia, porém tem um caráter menos sistemático. Nessa perspectiva, temos algumas obras que apresentam os ensinamentos tradicionais de um povo sobre um tema específico, dando ênfase às questões relativas às relações sociais, pessoais e à espiritualidade. Uma representante dessa linha é a filósofa **Sobonfu Somé**.

CORRENTE IDEOLÓGICA

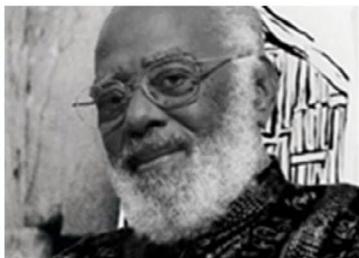
Em filosofia, o termo **ideologia** apresenta vários sentidos. O sentido do termo nesta corrente da Filosofia Africana é o de ideias-mestras orientadoras da ação política. A corrente **ideológica**, portanto, caracteriza-se por preocupações fundamentalmente políticas. Os trabalhos e estudos desenvolvidos pretendem, em primeiro lugar, corrigir a situação política e cultural dos povos de África sob o regime colonial e imperialista dos

européus. Nesse sentido, procuram analisar a condição de África em sua totalidade, ou dos negros pelo mundo afora. O marxismo exerceu influência em boa parte de seus teóricos, que também dialogaram com outras correntes filosóficas europeias, como o existencialismo. O grande tema é a libertação e a busca pela autonomia política, econômica e cultural. Seus principais autores normalmente escrevem nas línguas europeias (inglês, francês, português), com exceção dos autores de língua árabe. As elaborações filosóficas da corrente ideológica são mais acessíveis aos intelectuais, políticos, estudantes e camadas urbanas.

Três enfoques se destacam nessa corrente:

a) **Pan-africanismo**: movimento político de contestação ideológica às doutrinas que postulavam a inferioridade dos negros, inicialmente articulado fora do continente africano por afrodescendentes das Américas, Caribe e Europa, tendo à frente o intelectual William E. B. Du Bois. Contou com ampla inserção nas massas negras e influenciou líderes políticos de diversos estados africanos (Nigéria, Gana, Quênia, por exemplo). Partia da compreensão de que os africanos nada poderiam esperar de benefício da dominação colonialista. Apontava para a necessidade da união dos povos negros espalhados pelo mundo, a unificação dos africanos e o resgate de suas origens culturais. Um dos principais representantes foi **Kwame Nkrumah**, filósofo e, posteriormente, presidente de Gana.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

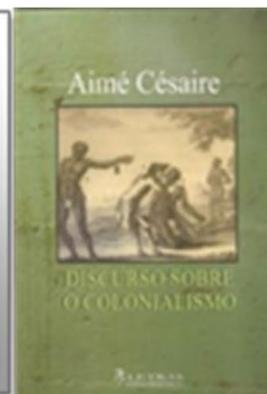


Abdias Nascimento (França, 14/03/1914 — Rio de Janeiro, 24/05/2011) foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras. Atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Frente Negra Brasileira, a Negritude e o **Pan-Africanismo**. Elaborou o conceito de *quilombismo*, uma releitura do pan-africanismo, definido como uma posição intelectual e política onde a grande questão é a descolonização mental.

b) **Négritude**: movimento literário e cultural iniciado na década de 1930 pelo poeta martinicano **Aimé Césaire** e outros artistas negros de língua francesa. Pretendia redescobrir antigos valores e modos de pensar africanos, de modo a promover o sentimento de orgulho e dignidade de ser negro e ser africano. De acordo com **Leopold Sédar Senghor**, um dos seus principais teóricos, a *négritude* foi a tomada de consciência e o desenvolvimento dos valores africanos (apud MUNANGA, 2009).



Aimé Césaire (1913-2008) – Martinicano-francês, poeta surrealista, professor e político, viveu em Paris, onde, juntamente com Léopold Senghor, criou a noção de *négritude*. Uma de suas obras filosóficas mais importantes é o *Discurso sobre o colonialismo*.



c) Anticolonialismo: refere-se às reflexões de alguns autores que também se engajaram nas lutas contra o colonialismo em África e receberam influências do pan-africanismo. Entretanto, seus trabalhos se distinguem em dois pontos principais: **1)** uma marcada crítica ao movimento da *négritude*, por considerar que suas análises não levavam adequadamente em conta os aspectos sociais e econômicos do racismo e terminavam por defender uma visão “romântica” das tradições africanas; **2)** pelas discussões acerca da violência revolucionária, do papel da educação e da cultura no processo de libertação política e pela defesa de um humanismo radical solidário com as lutas por liberdade em qualquer parte do mundo.

Dois autores, dentre outros, se destacam por suas obras, militância política e repercussões entre intelectuais e movimentos políticos e sociais: **Frantz Fanon e Amílcar Cabral**.



A Respeito da Violência (2014, 78 min) é um documentário realizado com imagens de arquivo sobre os movimentos independentistas africanos dos anos 1960-70 conjugadas com escritos do filósofo Frantz Fanon (*Os Condenados da Terra*, de 1961), lidos pela cantora Lauryn Hill. O diretor sueco Göran Hugo Olsson constrói uma inquietante narrativa visual que proporciona um novo olhar sobre a História do continente africano, do colonialismo europeu e do racismo. O filme recebeu o Prémio Fairbindet no Festival de Berlim.



CORRENTE PROFISSIONAL

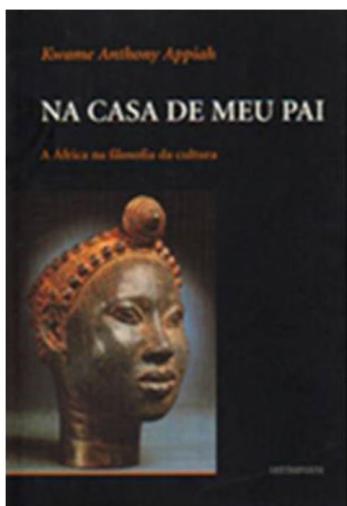
Trata-se da filosofia elaborada nas academias, isto é, nos centros de estudos superiores e universidades. Reúne as investigações de filósofos

profissionais, muitos dos quais com formação acadêmica obtida em universidades europeias e norte-americanas. A corrente profissional, assim, apresenta uma profunda influência das tradições intelectuais ocidentais e, até certo ponto, traz a filosofia para um debate mais teórico, científico e metódico. As obras dessa corrente costumam ser escritas nas línguas inglesa, francesa e portuguesa.

Podem-se destacar dois grupos de filósofos acadêmicos:

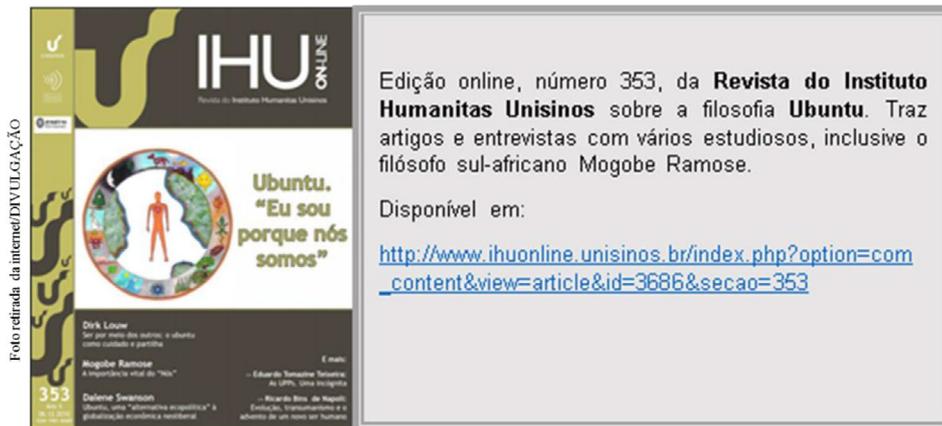
a) Os críticos da etnofilosofia e da corrente ideológica: normalmente adotam a ideia de que a filosofia apresenta uma característica única, independentemente das culturas, marcada pela universalidade, argumentação e expressão escrita. Destacam, ainda, que a filosofia não deve ser simplesmente auxiliar da religião ou da política, mas possuir preocupações próprias que podem ou não estar ligadas a esses temas. Alguns representantes desse grupo são: **Paulin J. Hountondji; Kwame Anthony Appiah; Marcien Towa; Kwasi Wiredu; Stanilas Adotevi;** e, em certa medida, **Valentin Mudimbe.**

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



O livro **Na Casa de Meu Pai: A África na Filosofia da Cultura** (Kwame Anthony Appiah) impressiona, tanto pelo caráter interdisciplinar (pois incursiona pela biologia, filosofia, crítica e teoria literárias, sociologia, antropologia e história) quanto pelo aspecto intercultural (pois discute ideias africanas, norte-americanas e europeias). Entre outros temas, Appiah critica de forma impiedosa a ideia de que existam raças humanas, mostra como a tentativa de construir uma identidade africana levou a minimizar-se a enorme diversidade cultural desse continente

b) Os críticos das concepções ocidentais de filosofia e ciência: filósofos que, sem desconsiderar a filosofia ocidental, discutem o uso das noções de ciência e filosofia no contexto dos desdobramentos das iniciativas coloniais europeias. Suas investigações procuram dialogar as tradições culturais africanas e as concepções ocidentais, no sentido de apontar as influências recíprocas e os usos políticos de determinadas noções. Alguns representantes desse grupo são: Théophile Obenga; J. Omoregbe e **Mogbe Ramose.**



ENTENDENDO AS PALAVRAS

Banto: Plural de muntu ou munto, membros da família linguística dos africanos originários da África central, centro-ocidental, oriental e austral, cujas línguas, apesar de serem diferentes, pertencem a uma mesma família linguística. Essas línguas são ditas bantu ou banta, porque todas utilizam a palavra u-untu, singular; Ba-ntu, plural, para designar o ser humano.

TEXTOS FILOSÓFICOS

TEXTO 1

Nascido na ilha da Martinica, em 20 de julho de 1925, **Frantz Fanon** foi um importante filósofo na luta anticolonialista do século XX. Em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), Fanon discorre sobre a Diáspora Africana e a ideologia de branqueamento do negro. O texto abaixo é um fragmento do capítulo 5 dessa obra em que, a partir de sua experiência com o outro, o branco, o autor descobre-se enquanto negro.

A Experiência Vivida do Negro

Cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem do mundo, e eis que me descubro um objeto em meio a outros objetos. [...]

Na América, os pretos são mantidos à parte. Na América do Sul, chicoteiam nas ruas e metralham os grevistas pretos. Na África Ocidental, o preto é um animal. E aqui, bem perto de mim, ao meu lado, este colega de faculdade, originário da Argélia, que me diz: “Enquanto pretenderem que o árabe é um homem como nós, nenhuma solução será viável”.

– Veja meu caro, eu não tenho preconceito de cor... Ora esse, entre monsieur, em nossa casa o preconceito de cor não existe!... Perfeitamente, o preto é um homem como nós... Não é por ser negro que é menos inteligente do que nós... Tive um colega senegalês no regimento que era muito refinado...

Onde me situar? Ou melhor, onde me meter? Martinicano, originário de “nossas” velhas colônias.

Onde me esconder?

Olhe o preto!...Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, monsieur, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...

Meu corpo era devolvido desancado, desconjuntado, demolido, todo enlutado, naquele dia branco de inverno. O preto é animal, preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio; olhe, um preto!

Faz frio, o preto treme, o preto treme porque sente frio, o menino treme porque tem medo do preto, o preto treme de frio, um frio que morde os ossos, o menino bonito treme porque pensa que o preto treme de raiva, o menino branco se joga nos braços da mãe: mamãe, o preto vai me comer!

Nas proximidades do branco, no alto os céus se desmantelam, debaixo dos meus pés a terra se arreventa, sob um cântico branco, branco. Toda essa brancura que me calcina...

Sento-me perto da fogueira e encontro minha libré ². Não a tinha percebido antes. Ela é realmente feia. Mas atenção, pois quem saberá me dizer o que é a beleza?!

Onde me meter de agora em diante? Sentia subir de todas as partes dispersas do meu ser um fluxo facilmente identificável. Eu estava ficando com raiva. O fogo há muito tempo estava morto, mas eis que novamente o preto tremia.

– Olhe, ele é bonito, esse preto...

– O preto bonito tá cagando pra você, madame!

A vergonha ornamentou o rosto da madame. Enfim eu ficava livre de minhas rumações. No mesmo momento compreendi duas coisas: identificava meus inimigos e provocava escândalo.

Completamente satisfeito, íamos, enfim, poder nos divertir.

O campo de batalha tendo sido como delimitado, entrei na luta.

Como assim? No momento em que eu esquecia, perdoava e desejava apenas amor, devolviam-me, como uma bofetada em pleno rosto, minha mensagem! O mundo branco, o único honesto, rejeitava minha participação. De um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos

² libré (do francês livrée): uniforme de criados, em casas nobres.

uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse.

Mas eles iam ver! Eu já os tinha prevenido... A escravidão? Não se falava mais disso, era uma lembrança ruim. A pretensa inferioridade? Uma pilhéria da qual era melhor rir. Eu acreditava esquecer tudo, com a condição de que o mundo não me escondesse mais suas entranhas. Tinha de testar meus incisivos. Eu os sentia robustos. E depois...

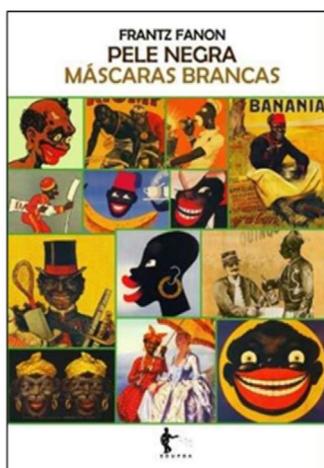
Como assim? Quando então eu tinha todos os motivos para odiar, detestar, rejeitavam-me? Quando então devia ser adulado, solicitado, recusavam qualquer reconhecimento? Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer (FANON, 2008, p. 103-108).

QUESTÕES

1) No texto, o autor relata a experiência de vida de um alguém perdido no mundo, deslocado e até abandonado. Encontre no texto características que demonstrem tais sentimentos e explique, com suas palavras, por que o autor se sente dessa forma.

2) “Olhe o preto!... Mamãe, um preto!... Cale a boca, menino, ele vai se aborrecer! Não ligue, *monsieur*, ele não sabe que o senhor é tão civilizado quanto nós...”.

Analise o excerto da obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952) de Frantz Fanon e disserte sobre o racismo que temos nos dias de hoje. Para você, as formas de racismo mudaram com o passar do tempo? Justifique.



Pele Negra, Máscaras Brancas (Frantz Fanon). Neste livro-ensaio, uma tentativa de compreensão das relações entre negros e brancos, o autor mostra como o branco é preso à sua *branquitude* e o negro à *negritude*. A saída, segundo ele estaria na recusa dos dois narcisismos (branco e negro) e na tomada de consciência dos fatores históricos e socioeconômicos. Crítica a *negritude* de Senghor e outros protagonistas.

TEXTO 2

O texto a seguir é um recorte do escrito de intervenção de **Frantz Fanon** no *Primeiro Congresso dos Escritores e Artistas Negros em Paris*, em setembro de 1956. Foi depois publicado no número especial da revista *Présence Africaine*, de junho-novembro de 1956. Após o falecimento do autor, o texto foi agrupado em uma coletânea. O tema é a relação entre o racismo e a cultura. O filósofo discorre sobre a presença do racismo na cultura e seu lugar no sistema de dominação de um grupo ou país sobre o outro.

RACISMO E CULTURA

O racismo, vimo-lo, não é mais do que um elemento de um conjunto mais vasto: a opressão sistematizada de um povo. Como se comporta um povo que oprime? Aqui, encontram-se constantes. Assiste-se à destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados. Como dar conta desta constante? Os psicólogos que têm tendência para tudo explicar por movimentos da alma pretendem encontrar este comportamento ao nível dos contatos entre particulares: crítica de um chapéu original, de uma maneira de falar, de andar...

Semelhantes tentativas ignoram voluntariamente o caráter incomparável da situação colonial. Na realidade, as nações que empreendem uma guerra colonial não se preocupam com o confronto das culturas. A guerra é um negócio comercial gigantesco e toda a perspectiva deve ter isto em conta. A primeira necessidade é a sujeição, no sentido mais rigoroso, da população autóctone. Para isso, é preciso destruir os seus sistemas de referência. A expropriação, o despojamento, o assassinato objetivo, desdobram-se numa pilhagem dos esquemas culturais ou, pelo menos, condicionam essa pilhagem. O panorama social é desestruturado, os valores ridicularizados, esmagados, esvaziados. Desmoronadas, as linhas de força já não ordenam. Frente a elas, um novo conjunto, imposto, não proposto, mas afirmado, com todo o seu peso de canhões e de sabres [...]

O racismo avoluma e desfigura o rosto da cultura que o pratica. A literatura, as artes plásticas, as canções para costureirinhas, os provérbios, os hábitos, os *patterns* [padrões], quer se proponham fazer-lhe o processo ou banalizá-lo, restituem o racismo. O mesmo é dizer que um grupo social, um país, uma civilização, não podem ser racistas inconscientemente. Dizemo-lo mais uma vez: o racismo não é uma descoberta accidental. Não é um elemento escondido, dissimulado. Não se exigem esforços sobre-humanos para o pôr em evidência. O racismo entra pelos olhos adentro precisamente porque se insere num conjunto caracterizado: o da exploração desavergonhada de um grupo de homens por outro que chegou a um estágio de desenvolvimento técnico superior. É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo. O

hábito de considerar o racismo como uma disposição do espírito, como uma tara psicológica, deve ser abandonado (FANON, 1980, p. 37-42).

QUESTÕES

- 1) Explique a seguinte afirmação de Fanon: “um grupo social, um país, uma civilização, não podem ser racistas inconscientemente”.
- 2) Fanon afirma que na subjugação de um povo ou país vê-se a “destruição dos valores culturais, das modalidades de existência. A linguagem, o vestuário, as técnicas são desvalorizados”. Você conhece algum exemplo dessa forma de desvalorização e destruição? Cite-o e comente-o com seus colegas.

TEXTO 3

No texto abaixo, o filósofo sul-africano **Mogobe Ramose** apresenta dois princípios éticos do ubuntu e os relaciona aos direitos humanos. Em seguida, baseado nesses princípios, faz uma crítica à globalização atual e estabelece uma comparação entre a filosofia ocidental e a filosofia ubuntu dos direitos humanos.

A FILOSOFIA UBUNTU DOS DIREITOS HUMANOS

Procurei discutir aqui duas teses encontradas na maioria das línguas africanas nativas. A primeira é *Motho ke motho ka batho* e a segunda, *Feta kgomo o tshware motho*. Uma tradução literal destes dois aforismos filosóficos africanos em língua Sepedi (Sotho do Norte) não é para aqui chamada, uma vez que ela dificilmente seria suficiente para transportar de forma adequada o significado exato da língua original. Procurarei, portanto, transmitir apenas o significado essencial. O primeiro aforismo afirma que ser humano é afirmar a humanidade própria através do reconhecimento da humanidade dos outros e, sobre tal embasamento, estabelecer relações humanas respeitadas com eles. Consequentemente, o *ubuntu* constitui o significado essencial do aforismo: *Motho ke motho ka batho*. O aforismo é sustentado por dois princípios filosóficos conceptualmente inter-relacionados. Um é que o ser humano individual é o sujeito – e não um objeto – de valor intrínseco em si mesmo. Se assim não fosse, não teria sentido basear a afirmação da humanidade de uma pessoa sobre o reconhecimento da mesma no outro. Faz sentido apontar que depreciar e desrespeitar o outro ser humano é, antes de mais nada, depreciar-se e desrespeitar-se a si próprio apenas e só se a pessoa aceitar que ela mesma é um sujeito merecedor de dignidade e respeito. A reivindicação que alguém faz em relação a si mesmo é exatamente aquela que deverá conceder ao outro. Logo, o

conceito de dignidade humana não é de forma alguma estranho à filosofia tradicional africana. E assim nada poderia servir melhor como base para uma filosofia indígena dos direitos humanos. Outro princípio, relacionado de maneira próxima ao primeiro, é que *motho* é humano somente e verdadeiramente no contexto das relações reais com outros seres humanos. Isto não deve ser pensado como significando que as relações com a, assim chamada, natureza física ou com o meio ambiente em geral não são relevantes. Nem quer dizer que o grupo é primordial, e portanto superior, ao indivíduo. O ponto crucial aqui é que *motho* nunca é uma entidade acabada, no sentido em que o contexto relacional revela e oculta as potencialidades do indivíduo. As potencialidades ocultas são reveladas sempre que sejam realizadas na esfera prática das relações humanas. Fora desta esfera, *motho* é um fósil congelado. Na linha deste argumento, a filosofia africana indígena dos direitos humanos avança a partir da dignidade (*seriti*, em Sepedi) do ser humano e da negação do absolutismo e do dogmatismo.

O segundo aforismo – *Feta kgomo o tshware motho* – significa que se e quando uma pessoa enfrenta uma escolha decisiva entre a riqueza e a preservação da vida de outro ser humano, ela deve optar pela preservação da vida. Neste sentido concorda com os provérbios Gikuyu ³: *Kiunuhu gitruagwo* (a avareza não alimenta) e *Utaana muingi uninagira murokeruo ng'ombe* (generosidade a mais esgota as vacas daquele que foi visitado pela manhã). Isto significa que o cuidado mútuo e o partilhar entre si precede a preocupação com a acumulação e com a proteção de riquezas. De acordo com essa filosofia, o ser humano individual deve ser encarado não apenas como um provedor de valores, mas como um valor básico e principal de entre todos os valores. Uma organização social e política baseada em princípios contrários a este princípio básico já contém em si mesma fontes de instabilidade, conflito e guerra. O desejo e a orientação de possuir e consumir mais em detrimento dos outros convida à resistência que pode, em última instância, levar à guerra. Em sociedades nas quais a veneração ao Dólar comanda a devoção tanto de ricos como de pobres e numa era de fundamentalismo econômico em que a soberania do dinheiro substituiu o ser humano como valor fundamental, o imperativo para a preservação da vida corre um perigo claro e imediato. Este é o caminho da globalização neoliberal contemporânea, que empurra grande parte da humanidade para sua armadilha de pobreza estrutural. O princípio da solidariedade juntamente com os princípios da partilha e do cuidado mútuo tem todos sido alvo de ataque pela globalização capitalista. Nestas circunstâncias, o discurso dos direitos humanos, em especial o direito à vida, dificilmente pode ser credível ou ganhar maior legitimidade. A filosofia ocidental dos direitos humanos enfatiza a ideia do ser humano como uma entidade fragmentada sobre a qual os direitos podem ser agregados na base da contingência, enquanto a concepção africana sublinha a ideia do ser humano como uma totalidade, tendo seus direitos assegurados como tal. As implicações práticas destas ênfases diferenciadas tornam-se evidentes na globalização capitalista atual, cujos efeitos negativos contradizem a máxima *Feta kgomo o tshware motho*. Concluo afirmando que, longe de ser uma nostalgia por uma tradição obsoleta, a evocação da filosofia *ubuntu* dos direitos

³ *Gikuyu*: língua falada no Quênia

humanos é um desafio legítimo à lógica mortal da busca do lucro em detrimento da preservação da vida humana (RAMOSE, 2010, p. 211-213).

QUESTÃO

1) Como o conceito de dignidade humana presente na filosofia Ubuntu serviria como base para a desconstrução do Racismo?

ENTENDENDO AS PALAVRAS

Ubuntu é atualmente duas palavras em uma. Consiste no prefixo *ubu* e na raiz *ntu*. *Ubu* evoca a ideia da existência, em geral. *Ubu* aberto à existência é sempre orientado para um desdobramento, que é uma manifestação concreta, incessantemente contínua, através de formas particulares e modos de ser. Neste sentido, *ubu* é sempre orientado para um *ntu*. Enquanto *ntu* é um ponto no qual a existência assume uma forma concreta ou um modo de ser no processo contínuo de desdobramento que pode ser formalmente distinto. *Ubu* e *ntu*, portanto, não são radicalmente separáveis e realidades irreconciliavelmente opostas. Pelo contrário, são mutuamente fundadas no sentido em que são dois aspectos da existência com uma unicidade e inteireza indivisível.

Mogobe Ramose. *Filosofia do Ubuntu e Ubuntu como filosofia* (adaptado)

FILÓSOFOS E FILÓSOFAS AFRICANOS(AS)



Apresentamos abaixo uma lista com alguns dos autores e autoras citados neste caderno. Assim, você poderá conhecer um pouco mais sobre cada filósofo e filósofa destacados.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



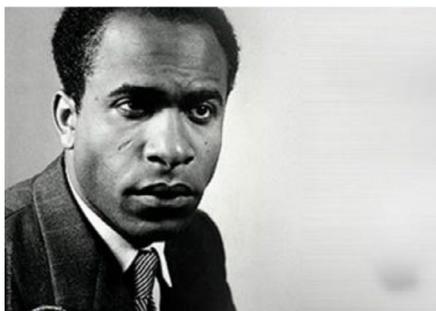
Kwame Anthony APPIAH (1954). Filósofo ganês. Escreve sobre identidade, história, colonialismo e ética. Atualmente, é professor na Universidade de Nova Iorque. Algumas obras importantes: *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura* e *O código de honra: como ocorrem as revoluções morais*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



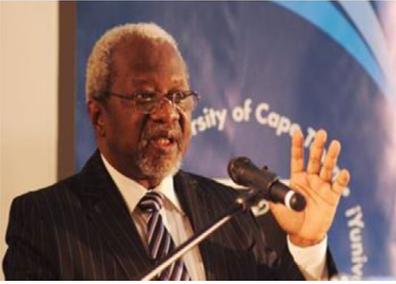
Amílcar CABRAL (1924-1973). Nasceu na Guiné-Bissau, mudando-se, ainda criança, para Cabo Verde. Agrônomo de profissão, estudou em Portugal. Organizou o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) em 1956. Líder da guerra da independência contra o colonialismo português. Autor de textos importantes, como *Libertação Nacional e Cultura* e *O papel da cultura na luta pela independência*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Frantz FANON (1925-1961). Martinicano-francês, médico psiquiatra e filósofo. Estudou na França e posteriormente se mudou para a África do Norte, onde participou dos movimentos de independência da Tunísia e Argélia. Para Fanon, em todo povo colonizado foi introjetado um complexo de inferioridade. Suas análises sobre o colonialismo, o racismo e a inferiorização do colonizado e do negro encontram-se descritas principalmente nas obras *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Paulin J. HOUNTONDI (1942). Filósofo e político beninense. Professor na Universidade de Cotonou (Benim). Os escritos de Hountondji enfatizam a necessidade de liberdade política e o debate acerca da filosofia e da ciência em África. Obras: *Sobre a “filosofia africana”*: *Crítica à etnofilosofia* e *Filosofia Africana: Mito e Realidade*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Valentin-Yves MUDIMBE (1941). Nascido na República Democrática do Congo. Filósofo, professor e autor de poemas, romances, bem como livros e artigos sobre a cultura Africana e história intelectual, estudando, sobretudo, as representações de viajantes, missionários e cientistas sobre a África. Obras fundamentais: *A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* e *A ideia de África*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



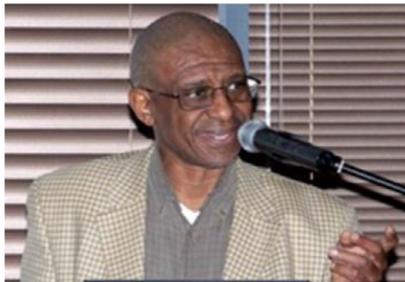
Kwame NKRUMAH (1909-1972). Filósofo e líder político ganês, um dos principais representantes do Pan-Africanismo. Presidente de Gana de 1960 a 1966. Algumas obras importantes: *Consciencismo: filosofia e ideologia para descolonização* e *Neocolonialismo: último estágio do imperialismo*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



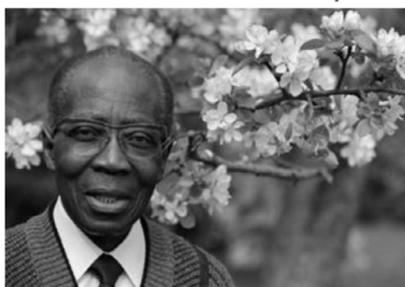
Henry Odera ORUKA (1944-1995). Filósofo nascido no Quênia. Ficou mais conhecido pelo projeto da Filosofia da Sagacidade, no qual, a partir de entrevistas, descreve a influência de diversos personagens tidos como sábios-filósofos na cultura dos povos africanos, ressaltando suas formas de pensar. Obras principais: *Filosofia da Sagacidade: pensadores indígenas e o debate moderno sobre a filosofia africana* e *As perguntas básicas sobre a filosofia-dos-sábios em África*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Mogobe Bernard RAMOSE (1945). Filósofo sul-africano. Professor de filosofia na Universidade da África do Sul (Pretória). Desenvolve suas pesquisas nos campos da filosofia africana e da filosofia política, do direito e das relações internacionais. Autor, dentre outros, de *Filosofia africana através do Ubuntu* [African philosophy through Ubuntu]; dos artigos “Sobre a legitimidade da filosofia africana” (revista *Ensaaios Filosóficos*, vol. IV, 2011) e “Globalização e Ubuntu” (no livro organizado por B. S. Santos e M. P. Meneses. *Epistemologias do Sul*).

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Léopold Sédar SENGHOR (1906-2001). Senegalês, poeta, educador, ensaísta e político. Teórico da *négritude*. Primeiro presidente de seu país. Sua obra tem como tema principal a cultura africana e o seu etilo aproxima-se da literatura francesa. No campo da filosofia, destacam-se as obras: *Negritude e Humanismo* e *Para uma releitura africana de Marx e Engels*.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Sobonfu SOMÉ (povo dagara, país Burkina Faso). Filósofa, professora e ativista, uma das vozes mais importantes na espiritualidade africana. Percorre o mundo compartilhando a rica vida espiritual e a cultura do povo dagara. Autora do livro *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos* (publicado no Brasil pela editora Odysseus).

FILOSOFIA LATINO-AMERICANA: PERSPECTIVAS AFRO-BRASILEIRAS

Atualmente, na América Latina, algumas correntes filosóficas buscam alternativas teórico-práticas para além da filosofia conhecida comumente nos manuais e textos mais divulgados sobre a disciplina. Tais perspectivas apontam que a filosofia ensinada e divulgada nos estabelecimentos de ensino tem contribuído pouco para a reflexão sobre as questões de nosso contexto, como o racismo, os conflitos étnicos, a dinâmica dos

movimentos sociais, a compreensão de expressões culturais e artísticas marcadas pelas influências africana e indígena, a religiosidade popular, a alienação cultural, dentre outras.

Nessa linha de investigações, novas propostas filosóficas têm surgido no país. Aqui destacaremos as perspectivas afro-brasileiras mais recentes desenvolvidas por filósofos nacionais, sobretudo professores universitários que se dedicam ao ensino de filosofia articulado com a filosofia africana e latino-americana. Essas elaborações pretendem criar uma filosofia que pense a partir das referências culturais próprias do contexto brasileiro, destacando os elementos africanos presentes em nossa maneira de ser e de viver. Para isso, promovem um diálogo amplo com as filosofias de matrizes africanas, europeias e latino-americanas, além de construírem conceitos tomando como ponto de partida práticas sociais como o samba, o futebol, as religiões afro-brasileiras, as formas de economia popular e os modos de organização social e política das comunidades populares.

Nesta parte apresentaremos trechos de livros com representantes das perspectivas filosóficas afro-brasileiras. Ao final de cada texto, serão indicadas referências para aprofundar a pesquisa sobre o tema.

No texto abaixo, Renato Nogueira define o afroperspectivismo e discute sobre suas implicações para a história da filosofia. E aponta a necessidade de se repensar a história da filosofia vigente nos livros e manuais sobre o assunto.

AFROPERSPECTIVIDADE



Renato Nogueira, professor de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). É responsável pelo grupo de pesquisa Afroperspectivas, Saberes e Interseções (AFROSIN) e pelo projeto Filosofando com Sotaques Africanos e Indígenas, que atua nas escolas da rede pública municipal de Seropédica (RJ). Autor de livros e artigos sobre afroperspectivismo, ensino de filosofia, relações étnico-raciais, ética e infância.

[AFROPERSPECTIVIDADE E HISTÓRIA DA FILOSOFIA]

Em linhas bem gerais, uma abordagem filosófica afroperspectivista é pluralista, reconhece diversos territórios epistêmicos, é empenhada em avaliar perspectivas e analisar métodos distintos. Tem uma preocupação especial para a reabilitação e

o incentivo de trabalhos africanos e afrodiaspóricos em prol da desconstrução do **racismo epistêmico** antinegro e da ampliação de alternativas para uma sociedade intercultural e não hierarquizada.

Uma incursão afroperspectivista sobre a história da filosofia se caracteriza mais por explorar perspectivas pouco exploradas do que pela denúncia. Sem dúvida, a denúncia do racismo epistêmico é importante. Mas, em termos afroperspectivistas, estamos ainda mais preocupados com o caráter proativo que pode ajudar a enriquecer pesquisas e estudos em qualquer área do conhecimento, aqui especialmente no campo da filosofia. Ainda que seja necessário criticar, descrever e rechaçar as implicações da injustiça epistemológica que atinge as produções filosóficas africanas, o aspecto mais edificante está justamente nas alternativas e perspectivas quase desconhecidas que podem sugerir argumentos, pontos de vista, ideias e conceitos em favor de caminhos inusitados, criativos e propositivos sobre ética, política, ciência, religião, sexualidade, educação, relações étnico-raciais e de gênero, entre outros assuntos e temas.

Numa visão afroperspectivista, a filosofia grega na Antiguidade pode ser mais bem compreendida num diálogo com os filósofos egípcios. Neste caso, os manuais de história da filosofia incluiriam algumas modificações. [...]. Afinal, se Tales de Mileto, Anaximandro, Anaxímenes e Pitágoras, entre outros filósofos, estudaram no Egito, por que desconsiderar essas heranças? No caso da Escola Pitagórica, a herança filosófica egípcia é marcante, além de Pitágoras ter vivido no Egito por estimados 22 anos. Os preceitos dessa Escola de filosofia eram muito semelhantes aos adotados na Escola filosófica do antigo Egito (NOGUERA, 2014, p. 68-69).

Racismo Epistêmico

"O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais. [...] É preciso analisar o objeto de conhecimento por ângulos diferentes, mas também por meio de modelos de racionalidade diversos. Isto certamente servirá para enriquecer nosso acervo cognitivo".

(Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Entrevista de Renato Nogueira a Tomaz Amorim. 11/07/2015)



Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

Na obra **O Ensino de Filosofia e a Lei 10.639** Renato Nogueira apresenta referenciais teóricos, indicações de obras e sugestões práticas para a inclusão de conteúdos de cultura e filosofia africanos e afro-brasileiros no ensino de filosofia.

FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE



Eduardo Oliveira, professor de Filosofia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Coordena o Grupo de Pesquisa Griô: Cultura Popular e Diáspora Africana. Suas pesquisas abordam os temas: filosofia da ancestralidade, ética, filosofia latino-americana, antropologia social, educação e movimentos sociais populares, cosmovisão africana, estudos afro-brasileiros, literatura africana. Assessora movimentos sociais populares, na área de negritude, educação popular e economia solidária.

No texto a seguir, Eduardo Oliveira constata o “desencantamento do mundo” promovido pela razão ocidental e aponta uma outra forma de relação com o mundo e com o outro baseada no encantamento e na ancestralidade.

[ANCESTRALIDADE, ENCANTAMENTO E ÉTICA]

A razão ocidental - pragmática, instrumentalista, calculista, árida, numa palavra, desencantada - matou o mistério e desencantou seu mundo. A religião transformou-se em ideologia, quando muito, ou em fraude, com frequência. A ciência entrou no buraco-negro da especialidade e abdicou do seu sonho de dar sentido ao mundo. A política caiu em si em seu devaneio idealista e irrompeu o mundo da realidade como um mal necessário, não como uma promessa de salvação. A academia, salvo linhas-de-fuga que lhe atravessam, acomodou-se na estrutura medieval que lhe dá contorno, substituindo a batina escura pelo avental branco. A economia já não é uma ciência social aplicada, mas uma comunidade privada de especuladores. A filosofia tornou-se um ventríloquo que repete sua tradição à exaustão, fatigando quem consome, entorpecendo quem produz. Mas além desse mundo desencantado, há outros que co-habitam o tempo-espço da realidade que mantiveram seu movimento, sua ginga, seu compasso. Produzidos pelo encantamento, encantamento produzem.

O encantamento não é um estado emocional, de natureza artística que nos arrebatam os sentidos e nos impõe sua maravilha. [...] *O encantamento é uma experiência de ancestralidade que nos mobiliza para a conquista, manutenção e ampliação da liberdade de todos e de cada um* [grifo nosso]. Assim, é uma ética. Uma atitude que faz sentido se confrontada com o legado dos antepassados. Confrontamento que faz sentido se atualizado na contemporaneidade. Estamos para além do conceito de tradição e longe do conceito de folclore. A ancestralidade é uma forma cultural em si mesma ética porque o contorno de seu desenho é uma circularidade que não admite o excluído. [...] Uma ética, então, que não rejeita a complexidade do mundo.

A ética da ancestralidade é comunitarista e compreende perfeitamente que a comunidade não é uma abstração conceitual, nem utópica, mas uma realidade da maior importância para o exercício da vida plena e da cidadania. De volta o discurso idealista? Não! Parte-se da África inventada no Brasil que é o lugar daqueles que sobreviveram por um motivo simples: não se deixaram converter em indivíduos, e mantiveram-se comunidades. Não fosse isso, teríamos desaparecido, enquanto experiência de resistência, permanência e consistência da face da Terra! [...]

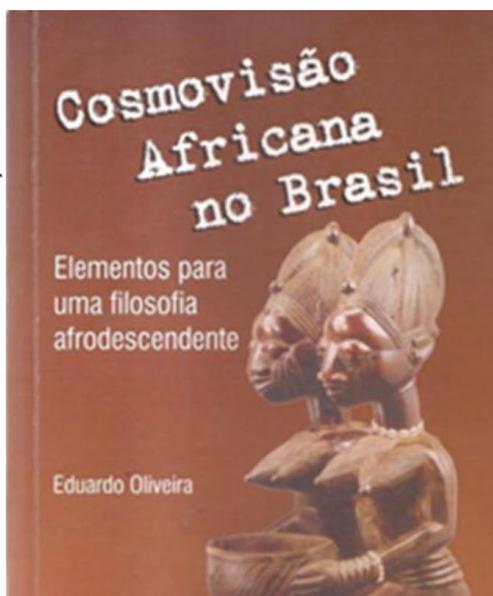
O Outro, excluído ou não, é o critério da ação ética, pois nele reside o elemento ontológico que nos vincula ao mundo e não que nos subtrai dele. O Outro é o Mundo! Esse é o fundamento ontológico de uma epistemologia antirracista que tem na ancestralidade africana sua forma cultural privilegiada.

Esse também é o fundamento de uma educação antirracista alicerçada na cultura de matriz africana recriada no Brasil e na América Latina, base de nosso programa filosófico educativo. Esta a proposta da Filosofia da Ancestralidade em diálogo fecundo e criativo com a educação das relações étnico-raciais, baseada na experiência africana ressemantizada no Brasil e, desde o Brasil diaspórico negro conectar-se com o mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2012, p. 42-45).

Ancestralidade

Segundo **Eduardo Oliveira**, a ancestralidade é o principal elemento da cosmovisão africana no Brasil, um signo da resistência afrodescendente no país. Nasce como experiência das formas religiosas e artísticas da cultura afro-brasileira. Como conceito, a ancestralidade permite compreender as múltiplas experiências de africanos e afrodescendentes. Além disso, ela implica uma ética fundamentada nos princípios da inclusão social, do respeito às diferenças, na convivência sustentável do ser humano com a natureza, no respeito à experiência dos mais velhos, na complementação dos gêneros, na diversidade, na resolução dos conflitos, na vida comunitária.

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



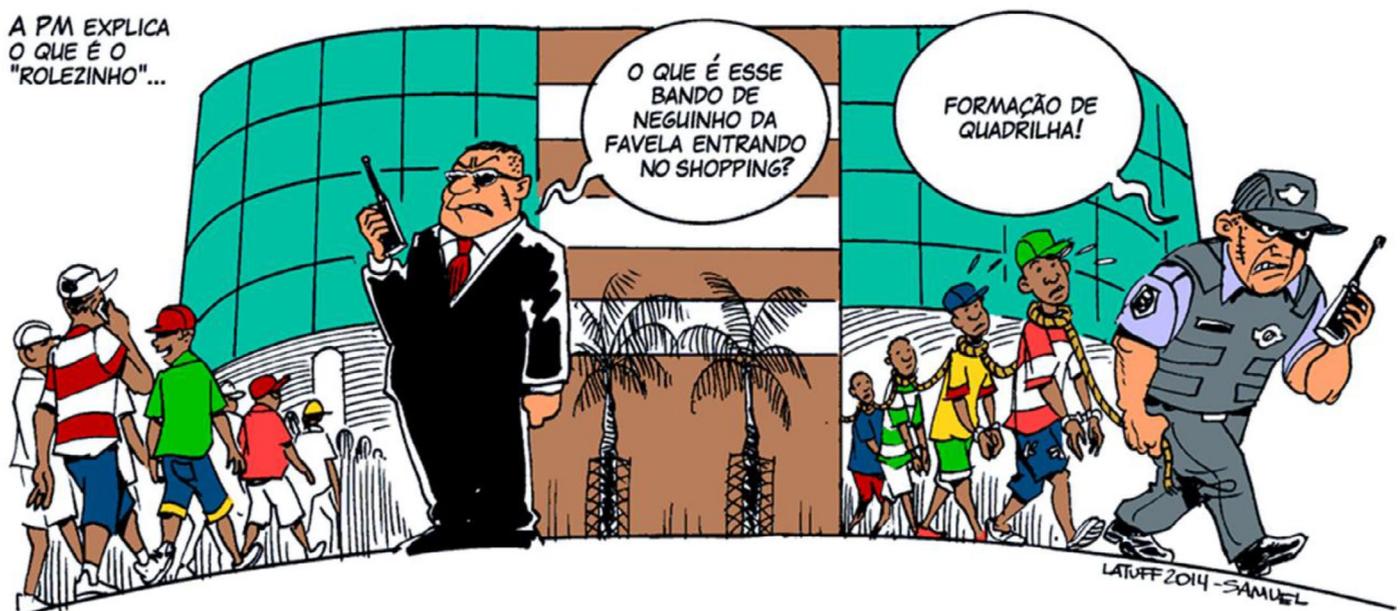
O livro **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**, de Eduardo Oliveira, investiga a história e cosmologia dos africanos e de seus descendentes como um sistema de valores e princípios que, apesar do sofrimento, emergiu promovendo vida, diversidade, integração e respeito pelo passado.

ATIVIDADE

No seguinte trecho, retirado do texto *Racismo e Cultura*, Frantz Fanon busca explicitar que o racismo se constitui como opressão **sistemática de um povo**, ou seja, não se trata apenas de casos isolados de “má fé”, mas, sim, de um sistema político-social fundado sobre o suposto direito de uma raça (considerada pura e superior) de dominar outras:

[...] É por isso que, na maioria das vezes, a opressão militar e econômica precede, possibilita e legitima o racismo. O hábito de considerar o racismo como uma disposição do espírito, como uma tara psicológica, deve ser abandonado (FANON, 1980, p. 42).

Nos últimos anos, vimos surgir o fenômeno do “rolezinho” em muitos lugares pelo país. Trata-se de uma prática de sociabilidade comum entre os jovens da periferia. São encontros marcados nos shoppings das grandes cidades com as seguintes finalidades: conhecer novas pessoas, fortalecer laços de amizade, divertir-se e, no limite, reafirmar a própria existência em face de uma sociedade excludente.

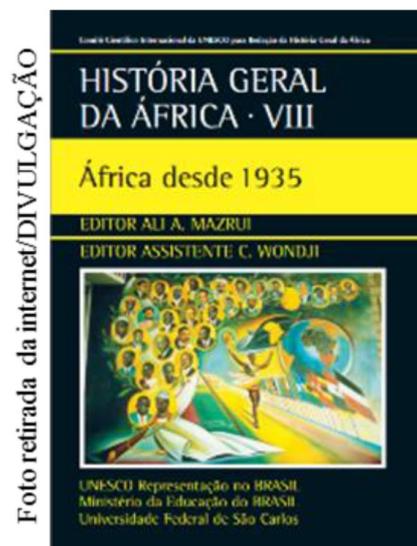


A classe média vê os sujeitos vestindo as mesmas marcas que ela veste (ou ainda mais caras), mas não se reconhece nos jovens cujos corpos parecem precisar ser domados. [...] Se há poesia da política do ‘rolezinho’ é que ela é um ato fruto da violência estrutural (aquela que é fruto da negação dos direitos humanos e fundamentais): ela bate e volta. Toda essa violência cotidiana produzida em deboches e recusa do Outro e, claro também por meio de cacetes da polícia, voltará a assombrar quando menos se esperar (PINHEIRO-MACHADO, 2014).

Considerando a afirmação do filósofo Frantz Fanon e a prática social do “rolezinho”, **elabore um texto reflexivo sobre o racismo** enquanto um fenômeno presente na sociedade brasileira.

SUGESTÕES

História Geral da África vol. VIII (África desde 1935)



Trata-se do volume VIII da importante História da África, publicada pela Unesco. Neste volume, editado por Ali A. Mazrui e Christophe Wondji, são apresentados os desdobramentos políticos, econômicos e culturais do continente africano desde 1935. O capítulo 21, “Tendências da filosofia e da ciência na África”, traz um panorama das diversas pesquisas científicas e correntes filosóficas do continente. Todos os volumes da coleção História Geral da África podem ser baixados no site <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/materiais.html>

Revista CULT – Dossiê Filosofia da Ancestralidade



A Revista CULT, publicação mensal sobre cultura no Brasil e no mundo, publicou em agosto de 2015 (edição número 204) um dossiê sobre a Filosofia da Ancestralidade. Aí são apresentados textos e entrevistas de estudiosos do assunto. Destacam-se os textos *Os gregos não inventaram a Filosofia* (Renato Nogueira) e *Notas a respeito do simbolismo de Exu* (Rodrigo dos Santos).

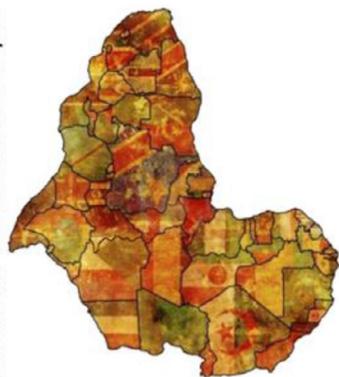
Filosofia Africana e Ensino de Filosofia



Palestra do filósofo e professor Wanderson Flor do Nascimento (Universidade de Brasília) sobre filosofia africana e ensino de filosofia, no programa Prazer em Conhecer, da UnB TV. O vídeo possui 59 minutos e está disponível no youtube.

Filosofia Africana

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Site que disponibiliza materiais em língua portuguesa que possam subsidiar pesquisas sobre a filosofia africana e afro-brasileira, assim como auxiliar na tarefa de professoras/es do ensino fundamental e médio de acessar recursos ainda pouco conhecidos em nossa língua. O site é parte da pesquisa “Colaborações entre os estudos das africanidades e o ensino de filosofia”, desenvolvido pelo professor Wanderson Flor do Nascimento, na

Universidade de Brasília, e em interação com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde - GEPERGES Audre Lorde (UFRPE/UnB-CNPq). Endereço: filosofia-africana.weebly.com

Geledés

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Portal do Geledés - Instituto da Mulher Negra, organização política de mulheres negras que tem por missão institucional a luta contra o racismo e o sexismo, a valorização e promoção das mulheres negras. O Portal Geledés apresenta várias discussões sobre racismo e informações sobre artistas, políticos e intelectuais negros do Brasil e do mundo.

Endereço: www.geledes.org.br

Por dentro da África

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Site dedicado ao continente africano com notícias, pesquisas, teses e coberturas exclusivas, desenvolvido pela jornalista Natalia Luz.

Endereço: www.pordentrodaafrica.com

Filosofia Pop

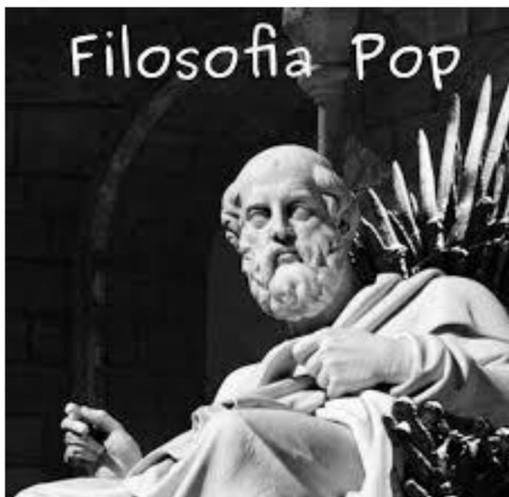


Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

Este podcast apresenta uma discussão da ideia de ubuntu na Filosofia Africana. O programa Filosofia Pop traz discussões filosóficas com pitadas de referências culturais.

Endereço: <http://filosofiapop.com.br/2015/11/16/filosofia-pop-015-filosofia-africana-ubuntu/>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. *Em defesa da revolução africana*. Tradução Isabel Pascoal. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980.

FERNANDES, Florestan (1972). *O negro no mundo dos brancos*. 2 ed. rev. São Paulo: Global, 2007.

FREYRE, Gilberto (1933). *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. 52 ed. São Paulo: Global, 2013.

HEGEL, Georg W. *Filosofia da História*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papyrus, 1993.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. *Tempo Social*, Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2006, p. 287-308.

NOGUEIRA, Renato. *O ensino de Filosofia e a lei 10.639*. Rio de Janeiro: Pallas/Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da Ancestralidade como Filosofia Africana: Educação e Cultura Afro-Brasileira, *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 18, maio-outubro/2012.

OMOREGBE, J. I. African Philosophy: Yesterday and Today. In: EZE, Emmanuel Chukwudi (ed.). *African Philosophy: an anthology*. Massachusetts/Oxford, Blacwell Publishers, 1998.

_____. Filosofia Africana: ontem e hoje. Tradução Renato Nogueira Jr. Disponível em: http://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/joseph_i._omoregbe_-_filosofia_africana._ontem_e_hoje.pdf. Acesso em: 20 ago. 2015.

ORUKA, Henry Odera. Las preguntas básicas sobre la filosofía-de-los-sabios en Africa [As perguntas básicas sobre a filosofia-dos-sábios em África]. *Revista de Filosofia*, Universidad de Costa Rica, XXXII (77), 1994, p.7-17.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. Etnografia do “rolezinho”. *CartaCapital*, out. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/etnografia-do-201crolezinho201d-8104.html>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

RAMOSE, Mogobe B. Una perspectiva africana sobre la justicia y la raza [Uma perspectiva africana sobre a justiça e a raça]. *Polylog*. Foro para filosofía intercultural 3 (2001). Disponível em: <http://them.polylog.org/3/frm-es.htm>. Acesso em: 15 ago. 2016.

_____. Globalização e Ubuntu. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Sobre legitimidade do estudo da filosofia africana. *Ensaio Filosóficos*, Volume IV – out. 2011, p. 6-25.

MANUAL DO PROFESSOR

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	68
2. ENSINO DE FILOSOFIA E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.....	70
3. TEXTOS COMPLEMENTARES PARA APROFUNDAMENTO DO TEMA.....	75
<i>Texto 1: A produção de um novo padrão de poder. Raça e dominação social global (Aníbal Quijano).....</i>	<i>75</i>
<i>Texto 2: A Questão Negra: Uma Criação do Universalismo Moderno (Nkolo Foé).....</i>	<i>79</i>
<i>Texto 3: Um “racismo à brasileira” (Roberto Damatta).....</i>	<i>83</i>
<i>Texto 4: Filosofia banto (Eduardo Oliveira).....</i>	<i>85</i>
4. OBSERVAÇÕES E SUGESTÕES PARA UTILIZAÇÃO DO MATERIAL.....	90
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
APÊNDICE.....	96

APRESENTAÇÃO

Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo tem como objetivo apresentar uma proposta de ensino de filosofia no Ensino Médio articulada às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (estabelecidas após a promulgação da lei nº 10.639/2003). O material didático originou-se de um projeto pedagógico homônimo, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência/PIBID Filosofia, da Universidade Federal de Mato Grosso/UFMT, ocorrido durante o 4º bimestre de 2015 em duas escolas públicas da cidade de Cuiabá/ MT ⁴, a saber, Escola Estadual Francisco Alexandre Ferreira Mendes e Escola Estadual Presidente Médici.

O material aqui disponibilizado tomou como base as discussões apresentadas nas referidas Diretrizes Curriculares Nacionais e na obra *Ensino de Filosofia e a lei 10.639*, de Renato Nogueira. A partir desses estudos, estabeleceu-se o conteúdo deste caderno em duas vertentes: a) investigação sobre a construção histórica do racismo científico nos séculos XIX e XX no Brasil e no mundo; b) apresentação de algumas expressões das filosofias africana e latino-americana dos séculos XX e XXI, principalmente as reflexões de Frantz Fanon, Mogobe Ramose, da Afroperspectividade e da Filosofia da Ancestralidade. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem temático-problemática do ensino de filosofia ancorada, sobretudo, nos passos didáticos (sensibilização, problematização, investigação e conceituação) propostos por Sílvio Gallo ⁵, e na perspectiva da alteridade/ exterioridade desenvolvida pela Filosofia da Libertação ⁶.

Dessa forma, *Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo* divide-se em dois capítulos. O primeiro, intitulado “Racismo Científico no Brasil e no Mundo”, faz uma incursão através da história das

⁴ Para mais informações sobre projeto e as demais atividades do PIBID Filosofia UFMT: <http://pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt>

⁵ Conferir as obras Metodologia do Ensino de Filosofia e Filosofia: experiência do pensamento.

⁶ Conferir os artigos de Alécio Donizete e Rodrigo Marcos de Jesus, “Ensino da filosofia e pensamento da libertação” e “Formação, Ensino de Filosofia e Pensamento de Libertação: apontamentos críticos” (versão ampliada).

ideias. Apresenta e analisa o surgimento de algumas das principais teorias racistas contra os negros e os africanos durante os séculos XIX e XX. E mostra como essas teorias surgidas na Europa influenciaram o pensamento e as políticas públicas no Brasil. Todo esse histórico serve para começar a compreender um pouco as relações étnico-raciais em nosso país e no mundo. Essa parte estabelece ainda um marcado diálogo interdisciplinar, principalmente com a História, a Sociologia e a Antropologia.

O segundo capítulo, “Outras margens da filosofia: Filosofias Africana e Latino-americana”, permite um contato inicial com expressões filosóficas contemporâneas elaboradas em solo africano e latino-americano, com destaque para as produções brasileiras. Destaca filósofos e filósofas ainda pouco divulgados no país e nos livros didáticos de filosofia. Possibilita também o trabalho com textos de autores fundamentais para as lutas de libertação nos países de África e da América Latina e o conhecimento de um pouco das pesquisas recentes em filosofia nas universidades nacionais.

O “Manual do Professor” disponibiliza outros recursos para subsidiar a pesquisa do tema e sugestões de planejamento. Inicialmente, são destacados os principais tópicos das Diretrizes que se relacionam com o ensino da filosofia. Depois, quatro textos complementares de estudiosos brasileiros e estrangeiros aprofundam algumas das noções apresentadas nos capítulos 1 e 2. Sugestões didáticas baseadas nas experiências do PIBID Filosofia da UFMT são indicadas na sequência. O manual encerra-se com mais algumas referências bibliográficas importantes.

Esperamos contribuir com suas atividades em sala de aula ao debater assuntos tão difíceis e urgentes em nosso contexto.

Bom trabalho!

Equipe PIBID Filosofia UFMT

2. ENSINO DE FILOSOFIA E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA

Apresentaremos de forma esquemática alguns pontos das *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* (BRASIL, 2004) que orientaram a construção do material didático “Filosofia e Consciência Negra”. Num primeiro momento, indicaremos a perspectiva geral das Diretrizes. Em seguida, sublinharemos os tópicos trabalhados no documento que, em nossa visão, melhor se articulam com o ensino da Filosofia. Finalizaremos com uma breve observação sobre os recursos didáticos em filosofia.

Objetivos Gerais das Diretrizes

- Orientar a formulação de projetos empenhados na valorização da história e cultura dos povos afro-brasileiros e da história e diversidade cultural e social dos povos africanos.
- Promover a construção da educação de relações étnico-raciais positivas.
- Fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra.

De que tratam as Diretrizes?

- De **política curricular**, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, buscando combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros.
- Propõem-se à **divulgação e produção de conhecimentos**, à **formação de atitudes, posturas e valores** que eduquem cidadãos orgulhos

de seu pertencimento étnico-racial (descendentes de africanos, europeus e asiáticos, povos indígenas) em prol da construção de uma nação democrática, tendo seus direitos e identidades valorizados.

- Pretendem promover **políticas de ações afirmativas** visando à reparação, ao reconhecimento e à valorização da população negra.

Educação das Relações Étnico-Raciais - noções e dimensões de base:

- Conceito de **raça**: é uma *construção social* forjada nas tensas relações entre brancos e negros; difere da noção biológica. A noção de raça é utilizada principalmente:

1) Nas relações sociais brasileiras para informar como determinadas características físicas (cor da pele, tipo de cabelo etc) influenciam, interferem e mesmo determinam o destino e lugar social dos indivíduos.

2) Ressignificado pelo Movimento Negro, com um sentido político e de valorização do legado africano.

- O termo **étnico** indica que as relações tensas devidas à cor da pele e a outros traços fisionômicos são também devidas à raiz cultural ancestral africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática.

- Papel da **Escola**: proporcionar acesso a conhecimentos e registros culturais diferenciados, superando o etnocentrismo europeu e o imaginário social valorizador de uma única matriz cultural (a europeia); ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira.

Princípios orientadores das Diretrizes

(destaque para os pontos mais articulados ao ensino da Filosofia)

1º princípio: Consciência Política e Histórica da Diversidade

- Conhecimento e valorização da história dos povos africanos e da cultura afro-brasileira.

- Crítica e desconstrução da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial.
- Busca, sobretudo, de professores não familiarizados com as análises das relações étnico-raciais e sociais, de subsídios, informações e formação adequada na área.

2º princípio: Fortalecimento de Identidades e de Direitos

- Desencadeamento de processo de afirmação de identidades, de historicidade negada ou distorcida.
- Rompimento com imagens negativas contra negros e povos indígenas.
- Esclarecimentos a respeito de equívocos quanto a uma identidade humana universal (que muitas vezes encobre de universalismo posturas etnocêntricas).

3º princípio: Ações educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações

- Crítica das representações dos negros e de minorias nos textos e materiais didáticos, bem como providências para corrigi-las.
- Valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, ao lado da escrita e da leitura, como marcas da cultura de raiz africana.
- Participação de grupos do Movimento Negro e de grupos culturais negros, assim como da comunidade escolar, na elaboração de projetos político-pedagógicos que contemplem a diversidade étnico-racial.

Determinações das Diretrizes

(destaque para os pontos, especialmente sobre a cultura, mais articulados ao ensino da Filosofia)

- O ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* envolverá a articulação entre passado, presente e futuro no âmbito de experiências, construções e pensamentos produzidos em diferentes circunstâncias e realidades do povo negro.

• O ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* far-se-á por diferentes meios, em atividades curriculares ou não, em que:

a) se explicitem, busquem compreender e interpretar diferentes formas de expressão e de organização de **raciocínios e pensamentos** de raiz da **cultura africana**;

b) se coloquem em diálogo diferentes **sistemas simbólicos e estruturas conceituais**

• O ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* desenvolver-se-á no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, com conteúdo de disciplinas, particularmente, Educação Artística, Literatura e História do Brasil, sem prejuízo das demais disciplinas

• O ensino de Cultura Afro-Brasileira destacará o jeito próprio de ser, viver e pensar manifestado tanto no dia a dia, quanto em celebrações como congadas, moçambiques, ensaios, maracatus, rodas de samba, entre outras

• O ensino de Cultura Africana abrangerá: **as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais**, as universidades africanas Timbuktu, Gao, Djene, do séc. XVI, a produção científica, artística e política na atualidade.

• O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira promoverá a realização de projetos de diferentes naturezas, com vistas à divulgação e ao estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (ex. Zumbi, Aleijadinho, Luiz Gama, Milton Santos, Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento, Alzira Rufino, dentre outros).

• O ensino de História e de Cultura Africana promoverá a realização de projetos de diferentes naturezas, com vistas à divulgação e ao es-

tudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (ex. rainha Nzinga, Toussaint L'Ouverture, Martin Luther King, **Aimé Césaire**, **Amílcar Cabral**, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, dentre outros).

Ao tomarmos as Diretrizes e as reflexões presentes na obra *Ensino de Filosofia e a lei 10.639*, de Renato Nogueira, como parâmetros para análise dos livros didáticos de Filosofia – sobretudo os livros selecionados pelo Plano Nacional do Livro Didático – constatamos a precariedade desses materiais para um ensino de Filosofia que contribua para a educação de relações étnico-raciais positivas. Com efeito, esses livros didáticos atualmente disponíveis ignoram ou abordam parcamente temas como racismo e as elaborações filosóficas de matriz africana. Um assunto tão presente no contexto brasileiro, como a discriminação racial, é tratado, quando muito, dentro de uma discussão mais geral sobre tolerância ou desigualdade social, sem atentar para as especificidades e complexidades do tema. Já a produção filosófica africana está completamente ausente.

Sendo assim, um dos caminhos possíveis para a efetivação de um ensino de Filosofia articulado às *Diretrizes* passa pela criação de novos recursos didáticos. Esse foi o intuito do material aqui apresentado. Para isso, estabeleceu-se um roteiro interdisciplinar de pesquisa (envolvendo, além da Filosofia, principalmente obras de História, Sociologia e Antropologia), a fim investigar a construção histórica do racismo e de conhecer as expressões filosóficas africanas e afro-brasileiras. “Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo”, portanto, está planejado para contemplar, a partir de referenciais filosóficos, dois aspectos fundamentais presentes nas Diretrizes, a saber, a crítica ao racismo e a valorização do legado cultural-filosófico dos afro-brasileiros e dos africanos.

3. TEXTOS COMPLEMENTARES PARA APROFUNDAMENTO DO TEMA

TEXTO 1

O trecho selecionado do sociólogo peruano Aníbal Quijano aponta a origem da ideia de “raça” e sua íntima relação com o novo de padrão de poder mundial constituído a partir da modernidade colonial. As reflexões de Quijano auxiliam na compreensão da origem das relações de poder ainda hoje vigentes e permitem entender a dinâmica histórica do racismo. O texto, assim, aprofunda o debate apresentado em todo capítulo 1, “Racismo científico no Brasil e no Mundo”.

A produção de um novo padrão de poder. Raça e dominação social global *Aníbal Quijano*

O novo sistema de dominação social teve como elemento de fundação a ideia de *raça*. Essa é a primeira categoria social da modernidade. Posto que não existia previamente – não há traços eficientes dessa existência –, não tinha então, como também não tem agora, nada em comum com a materialidade do universo conhecido. Foi um produto mental e social específico daquele processo de destruição de um mundo histórico, e de estabelecimento de uma nova ordem, de um novo padrão de poder, e emergiu como um modo de naturalização das novas relações de poder impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição: a ideia de que os dominados são o que são, não como vítimas de um conflito de poder, mas sim enquanto inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural. Essa ideia de *raça* foi tão profunda e continuamente imposta nos séculos seguintes, e sobre o conjunto da espécie, que para muitos, desafortunadamente demasiados, ficou associada não só à materialidade das relações sociais, mas também à materialidade das próprias pessoas.

A vasta e plural história de identidades e memórias (seus nomes mais famosos são todos conhecidos, Maias, Astecas, Incas) do mundo conquistado, foi deliberadamente destruída e sobre toda a população sobreviven-

te foi imposta uma única identidade, racial, colonial e derogatória, “índios”. Assim, além de destruição de seu prévio mundo histórico-cultural, foi imposta a esses povos a ideia de raça e uma identidade racial, como emblema de seu novo lugar no universo do poder. E, pior, durante 500 anos, foi-lhes ensinado a olhar-se com o olho do dominador.

De modo muito diferente, mas não menos eficaz e duradouro, a destruição histórico-cultural e a produção de identidades racializadas teve também entre suas vítimas os habitantes sequestrados e trazidos, do que hoje chamamos África, como escravos e depois racializados como “negros”. Eles provinham também de complexas e sofisticadas experiências de poder e civilização (Ashantis, Bacongós, Congos, Iorubas, Zulus, etc.). E ainda que a destruição daquelas sociedades tenha começado muito mais tarde, e não tenha alcançado a mesma amplitude e a profundidade que na América (“latina”), para estes sequestrados e arrastados à América, o desraizamento violento e traumático, a experiência e a violência da racialização e da escravidão, implicaram obviamente uma não menos massiva e radical destruição da prévia subjetividade, da prévia experiência de sociedade, de poder, de universo, da experiência prévia das redes de relações primárias e societais. E em termos individuais de grupos específicos, muito provavelmente a experiência do desraizamento, da racialização e da escravidão pode ser, talvez, inclusive mais perversa e atroz que para os sobreviventes das “comunidades indígenas”.

Embora agora as ideias de “cor” e de “raça” sejam virtualmente intercambiáveis, essa relação entre ambas é tardia: vem do século XVIII e hoje testemunha a luta social, material e subjetiva, acerca delas. Originalmente, desde o momento inicial da Conquista, a ideia de *raça* é produzida para dar sentido às novas relações de poder entre “índios” e ibéricos. As vítimas originais, primordiais dessas relações e dessa ideia, são, portanto, os “índios”. Os “negros”, como se chamavam os futuros “africanos”, eram uma “cor” conhecida pelos “europeus” há milhares de anos antes, desde os romanos, sem que a ideia de raça estivesse em jogo. Os escravos “negros” não serão embutidos nessa ideia de raça a não ser muito mais tarde na América colonial, sobretudo a partir das guerras civis entre os *encomenderos* e as forças da Coroa, em meados do século XVI. Mas a “cor” como sinal emblemático de raça não será imposta sobre eles senão

em meados do século XVIII e na área colonial britânico-americana. Nessa se produz e se estabelece a ideia de “branco”, porque ali a principal população racializada e colonialmente integrada, isto é, dominada, discriminada e explorada dentro da sociedade colonial britânico-americana, eram os “negros”. Em compensação os “índios” dessa região não formavam parte dessa sociedade e não foram racializados e colonizados ali a não ser muito mais tarde. Como se sabe, durante o século XIX, após o maciço extermínio de sua população, da destruição de suas sociedades e da conquista de seus territórios, os sobreviventes “índios” serão escanteados em “reservas” dentro do novo país independente, Estados Unidos, como um setor colonizado, racializado e segregado.

Entorno da nova ideia de raça, foram redefinindo-se e reconfigurando-se todas as prévias formas e instâncias de dominação, em primeiro lugar entre os sexos. Assim, no modelo de ordem social patriarcal, vertical e autoritário, do qual eram portadores os conquistadores ibéricos todo homem era, por definição, superior a toda mulher. Mas a partir da imposição e legitimação da ideia de raça, toda mulher de raça superior se tornou imediatamente superior, por definição, a todo homem de raça inferior. Desse modo a colonialidade das relações entre os sexos se reconfigurou em dependência da colonialidade das relações entre raças. E isso se associou à produção de novas identidades históricas e geoculturas originais do novo padrão de poder: “brancos”, “índios”, “negros”, “mestiços”.

Dessa maneira ingressava na história humana o primeiro sistema de classificação social básica e universal dos indivíduos da espécie. Nos termos do jargão atual, a primeira classificação social global da história. Produzida na América, foi imposta ao conjunto da população mundial no mesmo percurso da expansão do colonialismo europeu sobre o resto do mundo. Desde então, a ideia de raça, o produto mental original e o específico da conquista e colonização da América, foi imposta como o critério e o mecanismo social fundamental de classificação social básica e universal de todos os membros de nossa espécie.

A classificação racial, posto que se fundava em um produto mental desprovido, sem nada em comum com nada no universo material, não seria sequer imaginável fora da violência da dominação colonial. O colonialismo é uma experiência muito antiga. No entanto, só com a conquista

e a colonização ibero-cristã das sociedades e populações da América, na passagem do século XV ao XVI, foi produzido o construto mental de “raça”. Isso dá conta de que não se tratava de qualquer colonialismo, mas sim de um muito particular e específico: ocorria no contexto da vitória militar, política e religioso-cultural dos cristãos da contra-reforma sobre os muçulmanos e judeus do sul da Ibéria e da Europa. E foi esse contexto que produziu a ideia de “raça”. Com efeito, ao mesmo tempo em que se conquistava e colonizava a América, a Coroa de Castela e de Aragão, já o núcleo do futuro estado central da futura Espanha, impunha aos muçulmanos e judeus da península ibérica a exigência de um “certificado de limpeza de sangue” para serem admitidos como “cristãos” e serem autorizados a habitar na península ou viajar à América. Tal “certificado” – aparte de ser testemunho da primeira “limpeza étnica” do período da colonial/modernidade – pode ser considerado como o mais imediato antecedente da ideia de raça, já que implica a ideologia de que as ideias religiosas, ou mais geralmente a cultura, são transmitidas pelo “sangue”.

A experiência continuamente reproduzida das novas relações e de seus pressupostos e sentidos, assim como de suas instituições de controle e de conflito, implicava, necessariamente, uma autêntica reconstituição do universo da subjetividade, das relações intersubjetivas da população da espécie, como dimensão fundamental do novo padrão de poder, do novo mundo e do sistema-mundo que assim se configurava e se desenvolvia. Desse modo, emergia todo um novo sistema de dominação social. Especificamente, o controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e de seus respectivos recursos e produtos, futuramente não estará só associado a classificação racial, e sim, sobretudo, dela dependerá, posto que o lugar, os papéis e as condutas nas relações sociais, e as imagens, estereótipos e símbolos, com respeito a cada indivíduo ou de cada grupo, em cada um daqueles âmbitos de existência social, estarão futuramente adscritos ou vinculados ao lugar de cada qual na classificação racial .

Fonte: QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. In: AMADEO, Javier; ARAÚJO, Cícero (Org.). Teoria política latino-americana. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2009, p. 29-32.

TEXTO 2

O trecho selecionado do professor Nkolo Foé apresenta brevemente as concepções de alguns dos principais filósofos iluministas sobre o negro. O autor aponta como o negro, na visão desses filósofos, foi retirado da esfera da humanidade e concebido como um sujeito sem história. O texto contribui para aprofundar o tópico “Racismo na História”, apresentado no capítulo 1, “Racismo científico no Brasil e no Mundo”.

A Questão Negra: uma Criação do Universalismo Moderno

Nkolo Foé

A questão surge das primeiras consequências da própria modernidade. Esta questão se colocou porque o pertencimento do Negro à espécie humana não era uma evidência. É a mesma coisa com a posse da razão, da capacidade de criar a cultura e da civilização. Estas considerações foram feitas no cerne do Iluminismo como evidenciado por filósofos desta época, David Hume e Immanuel Kant, por exemplo, que afirmaram a inferioridade congênita do Negro.

A leitura do *Tratado sobre os caracteres nacionais* é interessante. Neste livro, Hume diz que a raça negra é inferior a raça branca. Segundo Hume, não existe nenhuma nação desta raça que seja civilizada e nenhum indivíduo ilustre por suas ações ou suas capacidades intelectuais ou morais. Por ele os negros ignoram tudo o que tem a ver com inteligência: a manufatura, a arte, a ciência. O autor vai mais longe: não existe nenhuma comparação entre a barbárie do negro mais evoluído e a barbárie do branco mais vulgar. É que o branco revela um potencial do progresso indefinido enquanto o negro se caracteriza pela estagnação. Isso significa que ao longo do tempo e do espaço, a diferença entre essas raças é permanente e invariável. Hume continua dizendo que é a própria natureza que explica tais diferenças. É que o objetivo da natureza era diferenciar as raças humanas e estabelecer uma hierarquia rigorosa entre elas. Preventivamente, Hume recusa o argumento histórico-social que tenta explicar a imbecilidade do negro pela servidão. Ele fornece um exemplo: os negros livres não mostram nenhum indício de inteligência superior em comparação ao indício dos negros escravizados. Sobre um negro da Jamaica que teria

talento, Hume afirma a mediocridade das obras daquela pessoa, semelhante a um papagaio que apenas balbucia algumas palavras aprendidas (HUME, 1999, p. 207, nota 12).

Sobre essas questões, Kant concorda com Hume e parece severo. Kant diz que “os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo” (KANT, 1993, p. 75). Chamando a autoridade de Hume, ele afirma que

Dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre os brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. A religião do fetiche, tão difundida entre eles, talvez seja uma espécie de idolatria, que se aprofunda tanto no ridículo quanto parece possível à natureza humana. A pluma de um pássaro, o chifre de uma vaca, uma concha, ou qualquer outra coisa ordinária, tão logo seja consagrada por algumas palavras, tornam-se objeto de adoração e invocação nos esconjuros (KANT, 1993, p. 76).

A filosofia de Kant era cheia de preconceitos. E nas relações com os negros ele recomenda o uso do chicote: “Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas” (KANT, 1993, pp. 75-76).

Sobre esta questão, devemos notar a especificidade do caso de Voltaire na medida em que seu ponto de vista parece contraditório. Inicialmente, Voltaire aceita a fraternidade e a igualdade entre as raças negra e branca, quando ele afirma a identidade de todas as raças do mundo. Em nome deste princípio fundamental, Voltaire condena veementemente a escravidão e a opressão que sofrem os negros. Mas de maneira surpreendente o mesmo Voltaire tenta justificar a escravidão do negro quando ele diz que a Europa compra “os escravos domésticos nos países dos negros” porque este povo trafica seus próprios filhos. Voltaire não compreende a razão porque a Europa é censurada quando ela pratica este negócio. Porque, segundo Voltaire, “um povo que trafica seus filhos é mais condenável que o comprador”. De qualquer maneira, este negócio demonstra a superioridade absoluta da Europa. E Voltaire conclui que “aquele que se entrega a um mestre nasceu para ter um” (VOLTAIRE, 1963, p. 807).

Esta conclusão merece uma observação. Tentar convencer o povo vencido da África que ele é responsável pela sua própria servidão parece um fenômeno único na história. Por exemplo, é possível aplicar aquele princípio à França vencida dos anos 1940? Nós devemos nos lembrar que a França destes anos é a nação deitada e humilhada que convidou o ocupante alemão a estabelecer um *leadership* europeu e mundial. É esta França indigna que entregou os seus próprios filhos aos crematórios e às fábricas de guerra do carrasco nazista. Para julgar a França, não podemos ignorar a resistência e o heroísmo das pessoas como Charles De Gaulle ⁷. Por causa do heroísmo da resistência, não podemos aplicar à França de joelhos, a máxima de Voltaire: “Aquele que se entrega a um mestre nasceu para ter um”. Então com as resistências africanas, porque aplicar esta máxima à África? O pós-colonialismo (Cf. ETOUNGA MANGUELE, 1993, p. 20) está errado quando ele acredita nestes tipos de preconceitos herdados da escravatura e do colonialismo.

O Iluminismo decretou a inferioridade dos negros para legitimar a servidão. As diferenças dos caracteres com os brancos são permanentes e imutáveis porque os negros são condenados a se tornarem escravos dos Europeus. Voltaire tenta explicar a inferioridade dos negros. Primeiro, ele enfatiza a inferioridade física. Voltaire descreve o negro com um nariz chato, os olhos redondos, os lábios sempre espessos, os cabelos em forma de lã. Segundo, Voltaire enfatiza a inferioridade intelectual. Ele afirma que a medida da inteligência mostra enormes diferenças entre o povo branco e o povo negro. Assim, como exemplos, Voltaire diz que os africanos não são capazes de concentrar a atenção; eles são incapazes de calcular. Enfim, esta raça não parece criada para suportar nem os benefícios nem os abusos da filosofia da Europa. O retrato do negro feito aqui mostra uma ligação forte entre as características físicas e as qualidades morais e intelectuais. O preconceito comum era que a beleza física condiciona a boa qualidade da mente, como o explica *Do Espírito das Leis*. Montesquieu que relata os preconceitos da época dele escreve que “é tão natural considerar que é a cor que constitui a essência da humanidade, que os povos da Ásia, que fazem eunucos, privam sempre os negros da relação que

⁷ [Nota dos editores]: aqui é preciso esclarecer que o autor não desconhece as atitudes colonialistas de De Gaulle na Argélia. Nessa passagem, ele toma o ponto de vista dos franceses, que têm o dito general como herói nacional. O trecho em questão pretende assinalar as diferentes avaliações sobre os povos e seus líderes quando se comparam os países colonizadores e os colonizados.

eles têm conosco de uma maneira mais acentuada. Pode-se julgar da cor da pele pela dos cabelos, que, entre os Egípcios, os melhores filósofos do mundo, eram de tão grande importância, que mandavam matar todos os homens ruivos que lhes caíam nas mãos”. De um ponto de vista moral, os homens da época de Montesquieu estavam convencidos que Deus, que é um ser muito sábio, não podia introduzir uma alma boa num corpo completamente negro. De um ponto de vista intelectual, Montesquieu aponta a estupidez dos negros que, segundo ele, não são capazes de tirar proveito dos metais preciosos dos seus países: “Uma prova de que os negros não têm senso comum é que dão mais importância a um colar de vidro do que ao ouro, fato que, entre as nações policiadas, é de tão grande consequência”. Durante a época de Montesquieu, a cor preta justificava plenamente a escravidão dos povos da África. Então, porque lamentar estes seres que, além de ser preto, têm um nariz achatado. A verdade é que nesta época não se teve certeza da humanidade dos negros. Mas é interessante ver como o capitalismo recusa a humanidade a um grupo humano ou a uma raça para justificar a escravidão. É que a economia da Europa precisava de novos animais de carga para substituir os Índios da América exterminados. É porque Montesquieu diz que: “Se eu tivesse que defender o direito que tivemos de escravizar os negros, eis o que diria: ‘Tendo os povos da Europa exterminados os da América, tiveram que escravizar os da África, a fim de utilizá-los no desbravamento de tantas terras. O açúcar seria muito caro se não se cultivasse a planta que o produz por intermédio de escravos’” (MONTESQUIEU, 1979, livro XV, cap. 1).

Assim, desde o Iluminismo até a época de Hegel e de Gobineau, o ser negro foi excluído do gênero humano comum e mesmo da História.

Bibliografia citada no Texto 2:

ETOUNGA MANGUELE. *L'Afrique a-t-elle besoin d'un programme d'ajustement culturel?* Ivry: Editions du Sud, 1993.

HUME, David. *Essais moraux, politiques & littéraires*. Paris: Editions Alive, 1999.

KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*. São Paulo: Papyrus, 1993.

MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*, Livro XV, cap.1. Tradução Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations*. Paris: Garnier, 1963.

Fonte: FOÉ, Nkolo. A Questão Negra no Mundo Moderno. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011, p. 59-82 (trecho retirado da p. 60-63).

TEXTO 3

No texto abaixo, o antropólogo Roberto DaMatta comenta a peculiaridade do racismo no Brasil tomando como referência a distinção do sociólogo Oracy Nogueira entre preconceito de marca e preconceito de origem, apresentada no capítulo 1, “Racismo científico no Brasil e no mundo”, no tópico “Conceituando”. O texto pode, inclusive, ser uma boa indicação para aprofundar o debate junto com os estudantes.

Um “racismo à brasileira”

Roberto DaMatta

O racismo americano, conforme já apontou o sociólogo brasileiro Oracy Nogueira num estudo de rara sensibilidade sociológica, revela um preconceito racial aberto à discriminação e à segregação, um prejuízo que considera básicas as “origens” das pessoas, e não suas “marcas” (ou aparências) raciais, como ocorre no caso brasileiro. Nos Estados Unidos, liga-se aparência a uma “essência” (a origem), fazendo com que um “branco” seja classificado como “negro”, caso um de seus ascendentes tenha sido “negro”.

Já no nosso caso, tudo depende de relações e contextos. A consequência disso – conforme o sistema de quotas tem mostrado – é a dificul-

dade de enfrentar ou até mesmo de perceber o nosso preconceito que, em certos sentidos, tem, pelo fato de ser variável, uma enorme invisibilidade. Na realidade, acabamos por desenvolver o preconceito de ter preconceito, conforme disse Florestan Fernandes numa frase lapidar.

O fato de existir uma legislação rígida, racista e dualística nos Estados Unidos – um conjunto de leis que até bem pouco tempo impediam o movimento de quem era considerado negro em certas áreas urbanas, escolas, restaurantes, hotéis, bares e muitas outras instituições sociais – revela sem maiores embaraços quem está dentro ou fora; quem tem direitos e quem não tem; quem é branco ou é negro. [...]. Do mesmo modo que as leis de uma sociedade igualitária liberal não admitem o “jeitinho” ou o “mais-ou-menos”, as relações entre grupos sociais não podem admitir a intermediação – a negação do indivíduo que é o centro legal e moral do sistema.

Tudo isso ajuda a elucidar o “racismo à brasileira”, bem como nosso famoso triângulo racial. Primeiramente, porque o preconceito racial era muito mais claro, visível e contundente nas sociedades igualitárias. Mas em sociedades hierarquizadas e pessoalizadas como o Brasil, a gradação e o clientelismo diluem o preconceito que sempre pode ser visto como dirigido contra aquela pessoa e não contra toda uma etnia. Daí a nossa crença em que não temos preconceito racial, mas social, o que, tecnicamente, é a mesma coisa. Numa sociedade onde somente agora se admite não existir igualdade entre as pessoas, o preconceito velado é uma forma muito mais eficiente de discriminar, desde que essas pessoas “saibam” e fiquem no seu lugar.

É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela terá que estar fundada numa positividade jurídica que assegure à todos os brasileiros o fundamento de toda igualdade: o direito de ser igual perante a lei. Enquanto isso não for discutido e praticado ficaremos sempre usando a nossa mulataria e os nossos mestiços como um disfarce para um processo social marcado pela desigualdade.

Na nossa ideologia nacional, temos um mito de três raças formadoras originais. Não se pode negar o mito. Mas pode-se indicar que o mito é precisamente isso: uma forma sutil de esconder de nós mesmos um sistema de múltiplas hierarquias e classificações sociais. Assim, o “racismo à brasileira”, paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável e a diferença,

uma questão de tempo e amor. Eis, numa cápsula, o segredo da fábula das três raças.

Fonte: DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004, p. 24-27.

TEXTO 4

Neste texto, é apresentada uma síntese da chamada filosofia banto, indicada no capítulo 2, “Outras margens da filosofia”, no tópico sobre a corrente cultural da filosofia africana contemporânea. O autor destaca os elementos centrais da concepção de mundo dos povos bantos e sua importância para a compreensão da cosmovisão africana no Brasil.

A Filosofia Banto

Eduardo Oliveira

A filosofia banto é uma filosofia da energia. Focada mais no movimento que na racionalidade, os bantos dão ênfase ao movimento do ser, não ao ser metafísico. A existência é o movimento da Força Vital. O que constitui o mundo são energias. A matéria não é nada em si mesma senão o acúmulo de energia. É uma espécie de metafísica da energia a filosofia banto. Placide Tempels⁸, missionário belga na República do Zaire [atual República Democrática do Congo], afirmava que o pensamento banto é constituído por “uma filosofia fundamentada numa metafísica dinâmica e numa espécie de vitalismo que fornecem a chave da concepção do mundo” (TEMPELS apud LOPES, 1988, p. 122) para esta população cultural.

Pensar a filosofia banto em termos de uma metafísica dinâmica é pensar de outro modo que a racionalidade construída pela filosofia europeia – da clássica à moderna. Não é preocupação para o pensamento banto o problema da origem, da finalidade, da essência, do ser. Utilizando-se dos termos da própria filosofia europeia, pode-se dizer que a filosofia banto é mais uma ontologia dinâmica que uma metafísica do ser. Na verdade a noção de “Ser” não tem correlato na cultura banto. Lá fala-se em força. De acordo com o missionário: “a noção de força toma o lugar da noção

⁸ TEMPELS, P. *La Philosophie Bantoue*. Paris: Présence Africaine, 1949.

de ser, e assim, toda a cultura banta é orientada no sentido do aumento dessa força e da luta contra a sua perda ou diminuição” (TEMPELS apud LOPES, 1988, p.122).

Para os bantos a realidade última das coisas é a Força-Vital que anima a vida. Ela é a própria vida. Por isso o critério primevo e o valor supremo é a Força-Vital. Assim, o imperativo fundamental da filosofia banto é a afirmação categórica de que **todo ser é força**.

Em qualquer circunstância devemos aumentar a Força Vital. Tudo que aumenta a Força Vital é benéfico para a comunidade, promovendo seu bem-estar. O pensamento banto não é um pensamento de punição e restrição, de culpa e de escassez; ao contrário, é uma filosofia da abundância e da generosidade, da liberdade e da comunhão. O único mal é a diminuição da Força-Vital.

Os adivinhos e sacerdotes conhecem as palavras e os ritos que aumentam e reforçam a vida. De certa forma, eles são os “manipuladores” da energia vital presente no mundo. Munidos de sabedoria ancestral, os sacerdotes utilizam-se do princípio máximo da filosofia banto que é a reprodução da vida. Já os feiticeiros, que também conhecem os ritos de manipulação da energia vital, utilizam-se desse conhecimento para tirar proveito próprio, esquecendo-se da comunidade. Utilizar a Força Vital em benefício próprio é diminuir a Força Vital, posto que ela é um fenômeno eminentemente social. Por isso os feiticeiros são afastados da comunidade e passam a ocupar lugares ermos, uma vez que não aceitam as regras comunitárias ditadas pela sociedade. Se seu trabalho beneficia apenas a si mesmo, viverá consigo mesmo, em solidão, isolado do convívio social.

A relação sexual é um ato de reprodução da vida. Talvez por isso o vigor sexual do homem e da mulher seja tão festejado. No sexo está presente uma fração da força que faz crescer a vida, daí a fertilidade ser muito valorizada entre os bantos.

Morrer é diminuição da Força. A morte é indesejada pois ela seria a interrupção da Força Vital. No entanto, os ritos funerários funcionam como rito de permanência e não de passagem, como dissemos anteriormente. Quando morre um membro da comunidade, sua energia vital pode ser reconstituída através do funeral ritualizado que tem a função de transformar a energia vital deste indivíduo em Força Vital para a comunidade. A energia transmuta-se do âmbito pessoal para a esfera social. A morte é

apenas uma etapa do círculo da vida. Vida e morte sucedem-se num movimento contínuo de circulação da Força Vital. Vida e morte são etapas de perda e restituição da energia que anima o universo. O pensamento banto busca compreender e experimentar essa movimentação da vida. Por isso, os ritos funerários não enterram defuntos, mas geram ancestrais. O nascimento de um ancestral é um aumento qualitativo de Força Vital no mundo. Os rituais manipulam a Força Vital numa relação de troca contínua. O sacrifício de animais, a utilização de folhas, o uso dos minerais são elementos simbólicos constantemente ofertados porque plenos de energia vital. Um pacto de restituição e promoção da vida foi selado entre os ancestrais e seus descendentes. Vida é movimento. Para que haja movimento é preciso haver troca. Os sacrifícios e oferendas são as trocas essenciais para a restituição da energia vital. As trocas simbólicas são ritualmente controladas para que seus efeitos sejam pragmaticamente sentidos pela comunidade.

A Força Vital não é um atributo exclusivo dos humanos. Ela é a fonte de toda a vida. O universo africano, como vimos dizendo, é integrado e seus elementos são interdependentes. Para que a integração exerça o seu papel de conectar os seres, é necessário que todos os seres estejam animados pela Força Vital. Ou seja, a concatenação dos seres no movimento de integração é já o que chamamos de energia fundamental da vida: a Força Vital.

Na cultura banto, da região do antigo Reino do Congo, a Força Vital é um elemento tão integrado no cotidiano do africano que seu nome recebe as insígneas desta força. Seu primeiro nome lhe dá a identidade social, isto é, em seu primeiro nome identificamos sua linhagem, qual sua aldeia de origem etc.; do segundo nome em diante ele será identificado pelos feitos relevantes que fez na vida, ou seja, quando ele passar pelo rito de iniciação, quando fizer uma boa caça, quando se casar, se se tornar chefe do conselho de anciãos, se vencer uma disputa esportiva... terá incorporado em sua identidade (seu nome) os feitos que o destacam no meio social. O primeiro nome é indicativo de sua identidade inata, fornecida pela comunidade, sem que ele tenha feito esforço algum para isso. O primeiro nome é, por assim dizer, o recebimento da dádiva da Força Vital. Do segundo nome em diante será acrescentado em sua identidade tudo o que ele fez para aumentar a Força Vital recebida da comunidade e do

Préexistente. O indivíduo só terá outros nomes se realizar atividades que aumentem a energia vital do grupo e, conseqüentemente, de si mesmo.

Com esse esboço da filosofia banto, podemos avançar na direção de caracterizar os principais elementos estruturantes das sociedades banto. Esses elementos estruturantes, portadores de uma cosmovisão africana, permanecem entre os afrodescendentes no Brasil. Em síntese, pode-se afirmar que as sociedades banto estruturam-se de acordo com o que Pe. Altuna⁹ chamou de PIRÂMIDE VITAL.

A Pirâmide Vital dos bantos segue a seguinte ordenação:

Ser Supremo: Nzambi, Zambiapungo, Mulunga, Unkululu;
Fundadores do primeiro clã humano;
Fundadores dos grupos primitivos;
Heróis civilizadores;
Espíritos tutelares e gênios da natureza;
Antepassados qualificados;
Antepassados simples;
Humanos vivos.

A Pirâmide Vital dos povos bantos privilegia os antepassados. O culto aos ancestrais, como estamos insistindo, é a base da cosmovisão de mundo africana. Os bantos encontram em sua estrutura social, tanto produtiva quanto cultural, a presença marcante dos antepassados e do culto aos ancestrais.

É bom notar que na Pirâmide Vital aparece vários itens que se relaciona somente com os antepassados, e não com os ancestrais. Como em todas as religiões africanas consideradas neste livro, entre os bantos existe sempre o preexistente, aquele que antecede a criação do mundo. Porém, quanto à criação do universo temos a impressão de que os bantos não estão muito preocupados com isso, e sim como esse mundo se estrutura. A estruturação cosmológica desse mundo está baseada, sobretudo, na figura dos antepassados - seja na forma dos fundadores do primeiro clã, dos fundadores dos grupos primitivos, seja na forma dos heróis civilizadores. O respeito e a repetida referência aos antepassados demonstra como esses

⁹ Pe. Altuna citado por LOPES, Nei. Bantos, malês e identidade negra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

povos valorizam sua cultura e a atuação dos membros que marcaram as comunidades e sua história.

Existem os antepassados qualificados e os antepassados simples. Os qualificados são aqueles que conseguiram ascender, por causa de seus feitos notáveis, a uma condição de divindade, tornando-se ancestrais. Os simples são aqueles antepassados que se preservaram humanos, porém destacados pelo empenho em aumentar a Força Vital de suas famílias e comunidade.

A concepção da vida, dentre esses povos, é cíclica. Como vimos, a morte é a diminuição da Força Vital, mas ao nascer uma criança a restitui. Ao se realizar um rito funerário, translada-se a energia do defunto para a Força Vital da comunidade. Diminui a Força no sasa ¹⁰, mas aumenta a energia no Zamani ¹¹. Toda essa dinâmica está centrada no culto aos antepassados e aos ancestrais.

Não apenas os antepassados são referendados na estrutura cultural dos bantos. Também a natureza é referendada. Os espíritos tutelares e os gênios da natureza é a própria natureza divinizada. Elementos essenciais para a sobrevivência do grupo como os rios, as ervas, etc. são divinizados e a eles são rendidos cultos plenos de oferendas e sacrifícios. O que se convencionou chamar de animismo é, na verdade, uma forma sofisticada de culto à natureza.

Vale lembrar que a população banta veio em maior número para o Brasil na época da Diáspora Negra. Se sua filosofia ainda não foi bem estudada, se sua história ainda não foi bem contada, é porque sofreram uma discriminação racial mais acirrada que qualquer outra etnia no Brasil. Mesmo os adeptos de terreiros de candomblé ketu ou nagô relegaram as manifestações culturais-religiosas dos bantos para um segundo plano. Tanto quanto ou mais que o povo-de-santo das nações de língua yorubá, os intelectuais ligados organicamente aos terreiros nagôs criaram o que se convencionou chamar de nagocentrismo. Os bantos foram desvalori-

¹⁰ Sasa é o tempo vivido, tanto pelo indivíduo como pela comunidade. É o período mais significativo para a pessoa; é o tempo do agora e principalmente o tempo já percorrido pelo indivíduo. Sasa pode ser descrito como o micro tempo, essencial para o indivíduo e sua projeção.

¹¹ Zamani pode ser considerado como o macro tempo, no qual mesmo sasa está contido. Zamani é o tempo dos mitos. Nesta dimensão do tempo estão contidos o presente e o futuro. Os mitos cosmogônicos pertencem ao tempo Zamani. Não é um tempo morto. Pelo contrário, contém a explicação para as coisas que estão acontecendo.

zados mesmo entre seus irmãos de Diáspora. Já é tempo de reconhecer a enorme importância desses povos que, mesmo inferiorizados e desprestigiados, souberam responder criativamente e afortunadamente, aos desafios civilizatórios que se lhe apresentaram. Ninguém mais que os bantos souberam viver os princípios que assentam a cosmovisão africana, a saber: integração, diversidade e ancestralidade.

FONTE: Eduardo Oliveira. *Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Fortaleza: LCR, 2003, p. 111-113.

4. OBSERVAÇÕES E SUGESTÕES PARA UTILIZAÇÃO DO MATERIAL

O caderno *Filosofia e Consciência Negra: desconstruindo o racismo* foi originalmente planejado para ser trabalhado durante um bimestre escolar, considerando a realidade do ensino de Filosofia no país, que dispõe atualmente, de acordo com cada escola, de 1 ou 2 aulas semanais da disciplina. Desse modo, no caderno optou-se por textos curtos e uma quantidade razoável de recursos didáticos de consulta pontual e ágil, de maneira a proporcionar uma leitura ao mesmo tempo fundamentada, rigorosa e sugestiva, a fim estimular o debate em sala e a reflexão pessoal. Com relação aos recursos didáticos, destacam-se **boxes** (de termos, biográficos e de indicações bibliográficas, políticas e culturais), **diagramas** e **tabelas** que visam, sobretudo, ao esclarecimento conceitual e à contextualização histórica e filosófica. Os textos selecionados de filósofos e outros estudiosos pretendem aprofundar os assuntos abordados e promover uma aproximação dos estudantes às reflexões originais desses importantes autores.

Mesmo sendo concebido como material didático para todo um bimestre, o caderno pode também ser utilizado com recurso paradidático (para uma pesquisa específica, por exemplo, sobre filósofos africanos), como recurso suplementar para estudo de tópicos tradicionais do ensino de filosofia como ideologia, alienação, origem da filosofia ou ainda para complementar investigações nas áreas de ética e filosofia política. O caderno, portanto, pode e deve ser manejado pelo/a professor/a da forma que julgar mais apropriada para seus objetivos e planejamentos didático-filosóficos.

Abaixo faremos algumas sugestões para utilização do caderno. São dicas curtas e pontuais baseadas nas experiências do PIBID Filosofia da UFMT.

Sugestão 1 – Preparação para o tema

Um modo instigante de preparar os estudantes para o tema, ainda antes de iniciar as leituras propostas no caderno, é, numa primeira aula, assistir e debater o documentário “Pele Negra, Máscara branca” (direção de Conrado Krainer)¹², curta-metragem baseado na obra homônima de Frantz Fanon. O vídeo consta como uma das indicações de filme do capítulo 1. Pode-se, num primeiro momento, fazer o seguinte questionamento à turma: “O que é racismo?”. Em seguida, escrever no quadro, de forma resumida, as respostas dos estudantes, levantando outros questionamentos a partir de suas colocações. Essa dinâmica não deve ultrapassar dez minutos, para que na sequência haja tempo para exibição do filme e discussão sobre o conteúdo, além de um retorno à questão lançada no início da aula, buscando analisar, juntamente com os alunos, as definições que se encontram no quadro.

Outra questão orientadora para o início do debate seria: “Você já sofreu ou já presenciou algum ato racista?”. Os alunos poderiam responder oralmente sobre suas experiências (em torno de dez minutos). O filme seria exibido e discutido em seguida.

Sugestão 2 – Arte e humor para pensar

A arte e o humor fazem pensar. São elementos importantes no processo educativo, uma vez que sensibilizam para um tema e incitam a reflexão. O capítulo 1, “Racismo científico no Brasil e no mundo”, oferece 2 recursos didáticos, no tópico “Pensando com a arte”, que podem ser trabalhados na primeira aula em que o caderno será utilizado. Para o melhor aproveitamento desses textos, aconselha-se selecionar apenas um deles e focar a análise nele, variando-se a escolha de acordo com as características de cada turma ou a disponibilidade de recursos audiovisuais. Isso permitiria um estudo mais detalhado e a exploração das várias referências a situações e personagens históricos indicados em cada poesia. Por exem-

¹² Disponível no canal do PIBID Filosofia UFMT no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=O-jYD6Ulq2pU>

plo, o texto de Elisa Lucinda problematiza as relações entre raça e gênero, enquanto o poema de Sérgio Vaz questiona a noção comum de “magia negra” e traz uma lista de personalidades negras do mundo da cultura e da política. Além desses dois textos, disponibilizamos no “Apêndice” deste manual do professor outros 3 recursos que podem complementar o trabalho com a arte. A poesia de Akins Kintê explora o significado da palavra “mulata” e a crônica de Luís Fernando Veríssimo, assim como a música de Gabriel o Pensador, expõem situações que indagam sobre as atitudes racistas no Brasil. O trabalho com esses recursos extras pode ser feito, por exemplo, a partir de atividade em grupo, distribuindo-se os 5 recursos em 5 grupos na sala de aula e solicitando que cada grupo destaque o problema e as referências (a situações e personagens) indicadas em cada texto. Os recursos do “Apêndice” podem ainda, a critério do professor/a, substituir algum dos textos colocado na seção “Pensando com a arte”.

Outros recursos didáticos interessantes para ilustrarem conceitos e instigarem, através do humor, o pensamento são esquetes da internet e seriados de televisão, alguns bastante populares e que mereceriam maior atenção dos educadores, pois apresentam-se como ferramentas pedagógicas muito úteis, dada a linguagem rápida e o pertencimento ao universo cultural-midiático dos estudantes. Nesse sentido, alguns vídeos do coletivo humorístico Porta dos Fundos, como “Negro”¹³, “Amiguinhos”¹⁴ e “Pena”¹⁵, e o episódio 15 da 3ª temporada do seriado norte-americano “Todo Mundo Odeia o Chris Dublado”¹⁶ exemplificam os conceitos de preconceito de marca e de preconceito de origem, expostos no tópico “Conceituando”, do capítulo 1.

Sugestão 3 – Pesquisa como ferramenta de ensino

O estímulo à pesquisa em sala de aula é uma maneira de variar os procedimentos de ensino em Filosofia. Pesquisas pontuais e direcionadas podem ser realizadas, tomando-se como base material o próprio livro

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Le8xjRufv-M>

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NxzUU-cZD1o>

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NdIqyc-jSSs>

¹⁶ O trecho mais significativo do episódio encontra-se disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d8r599pam_w

didático, um recurso didático complementar e um questionamento bem colocado. Sendo assim, o capítulo 2, “Outras margens da Filosofia: Filosofias Africana e Latino-americana”, juntamente com o livro didático adotado pela escola, oferecem a possibilidade de realizar algo nessa direção. Vejamos. No capítulo 2, o tópico “Problematizando” indaga sobre a origem e a definição da filosofia, criticando uma visão comum segundo a qual a filosofia seria uma exclusividade da cultura europeia ocidental. O restante do capítulo procura mostrar, através da apresentação de distintas correntes da filosofia africana contemporânea, da abordagem de filosofias afro-brasileiras e da seleção de textos filosóficos de autores africanos e latino-americanos, outras perspectivas (margens) de filosofia. Os conteúdos desse capítulo podem servir de contraponto a uma compreensão comum veiculada nos livros didáticos de filosofia (mas também presente nos currículos do ensino superior e em produções especializadas da área) de que não haveria filosofia fora da tradição ocidental-europeia.

Para realizar uma investigação que problematizasse tal compreensão, poder-se-ia, em uma ou duas aulas, trabalhar conjuntamente o capítulo “Outras margens da filosofia” e um dos capítulos iniciais dos livros de filosofia atualmente disponíveis nas escolas¹⁷. A pesquisa começaria com os seguintes questionamentos: “Onde se origina a filosofia?” e “Quais são os filósofos mais conhecidos?” Um esquema no quadro contendo os filósofos conhecidos e pesquisados pelos alunos nos livros didáticos¹⁸ e suas origens permitiria constatar algo óbvio, mas não problematizado: a ausência de filósofos africanos¹⁹ e latino-americanos. A partir dessa constatação, começar-se-ia o questionamento sobre a invisibilidade da filosofia de outros povos através das colocações dos filósofos Ramose e Omoregbe, citados no tópico “Problematizando”. Prosseguir-se-ia para

¹⁷ A título de ilustração, o capítulo 3, “O nascimento da filosofia”, do livro *Filosofando: introdução à filosofia* (Maria Lúcia Aranha e Maria Helena Martins); o capítulo 1, “Origem e natureza da filosofia”, do livro *Filosofia: por uma experiência da complexidade* (Celito Meier), ou o capítulo 1, “Filosofia: o que é isso?” de *Filosofia: experiência do pensamento* (Sílvio Gallo). Isso indica que, mesmo variando as abordagens metodológicas, nenhuma das obras didáticas adotadas no Plano Nacional do Livro Didático apresenta questionamentos sobre esse ponto.

¹⁸ Para isso, os recursos didáticos e gráficos presentes nos livros, como linhas do tempo, índices de conceitos e nomes, quadros sinóticos e esquemas históricos são muito úteis.

¹⁹ Uma observação: Plotino e Agostinho comumente aparecem nos livros didáticos, porém pouca atenção é dada ao contexto histórico-cultural africano em que nasceram e viveram.

uma incursão nos demais tópicos, por exemplo, no “Filósofos e Filósofas Africanos/as”, em que se listam e localizam os pensadores daquele continente. Toda essa investigação permitiria ampliar o quadro de referências filosóficas dos estudantes e mesmo ensinar outras pesquisas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aqui indicaremos outras obras relevantes sobre o tema, para além daquelas citadas e sugeridas nos capítulos 1 e 2.

Sobre a história e cultura africana:

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Ministério da Educação/Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial: Brasília-DF, outubro 2004.

CLARO, Regina. *Olhar a África: fontes visuais para sala de aula*. São Paulo: Hedra Educação, 2012.

NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A matriz africana no mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008. (Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira).

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Tradução Alfredo Margarido. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. (Tomo I: até o século XVIII).

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. *Memória D'África: a temática africana em sala de aula*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

Sobre o racismo científico, questões raciais e história das ideias no Brasil:

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (1ª reimpr. da 3 ed. de 1987).

MARGUTTI, Paulo. *História da Filosofia do Brasil. 1500-hoje - 1ª parte - o período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Loyola, 2013.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. *A invenção do “ser negro”*: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; PEDROSA, Adriano (Org.). *Histórias mestiças: antologia de textos*. Rio de Janeiro: Cobogó; São Paulo, 2014.

Sobre ensino de filosofia e filosofias africana e latino-americana:

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Outras vozes no ensino de filosofia: O pensamento africano e afro-brasileiro. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 18, p. 74-89, maio-out. 2012.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana e currículo: aproximações. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, n. 18, p. 4-27, maio-out. 2012.

SILVA, Alécio Donizete; JESUS, Rodrigo Marcos de. Ensino da filosofia e pensamento da libertação. In: CARBONARI, Paulo; COSTA, José André da; MACHADO, Lucas. *Filosofia e Libertação: homenagem aos 80 anos de Enrique Dussel*. Passo Fundo: IFIBE, 2015.

_____. Formação, Ensino de Filosofia e Pensamento de Libertação: apontamentos críticos. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 6, n. 1, p.29-49, jan./jun. 2014.

APÊNDICE

Abaixo, os textos de Gabriel o Pensador, Akins Kintê e Luís Fernando Veríssimo indicados como recursos didáticos extras na Sugestão 2 – Arte e humor para pensar.

Racismo é burrice – Gabriel o Pensador

Salve, meus irmãos africanos e lusitanos	mo à sua frente	mãos
Do outro lado do oceano	Porque se fosse inteligente	Só precisamos de uma reformulação geral
“O Atlântico é pequeno pra nos separar	Esse povo já teria agido de forma mais consciente	Uma espécie de lavagem cerebral
Porque o sangue é mais forte que a água do mar”	Eliminando da mente todo o preconceito	Racismo é burrice
Racismo, preconceito e discriminação em geral	E não agindo com a burrice estampada no peito	Não seja um imbecil
É uma burrice coletiva sem explicação	A “elite” que devia dar um bom exemplo	Não seja um ignorante
Afinal, que justificativa você me dá	É a primeira a demonstrar esse tipo de sentimento	Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante
Para um povo que precisa de união	Num complexo de superioridade infantil	O que que importa se ele é nordestino e você não?
Mas demonstra claramente, infelizmente	Ou justificando um sistema de relação servil	O quê que importa se ele é preto e você é branco
Preconceitos mil	E o povão vai como um bundão	Aliás, branco no Brasil é difícil
De naturezas diferentes	Na onda do racismo e da discriminação	Porque no Brasil somos todos mestiços
Mostrando que essa gente	Não tem a união e não vê a solução da questão	Se você discorda, então olhe para trás
Essa gente do Brasil é muito burra	Que por incrível que pareça está em nossas	Olhe a nossa história
E não enxerga um pal-		Os nossos ancestrais
		O Brasil colonial não

era igual a Portugal
A raiz do meu país era
multirracial
Tinha índio, branco,
amarelo, preto
Nascemos da mistura,
então por que o pre-
conceito?
Barrigas cresceram
O tempo passou
Nasceram os brasilei-
ros, cada um com a sua
cor
Uns com a pele clara,
outros mais escura
Mas todos viemos da
mesma mistura
Então presta atenção
nessa sua babaquice
Pois como eu já disse:
racismo é burrice
Dê a ignorância um
ponto final
Faça uma lavagem ce-
rebral

Racismo é burrice

Negro e nordestino
constroem seu chão
Trabalhador da cons-
trução civil, conhecido
como peão
No Brasil, o mesmo
negro que constrói o
seu apartamento

Ou o que lava o chão
de uma delegacia
É revistado e humilha-
do por um guarda no-
jento
Que ainda recebe o sa-
lário e o pão de cada
dia
Graças ao negro, ao
nordestino e a todos
nós
Pagamos homens que
pensam que ser humi-
lhado não dói
O preconceito é uma
coisa sem sentido
Tire a burrice do peito
e me dê ouvidos
Me responda se você
discriminaria
O Juiz Lalau ou o PC
Farias
Não, você não faria
isso não
Você aprendeu que o
preto é ladrão
Muitos negros roubam,
mas muitos são rouba-
dos
E cuidado com esse
branco aí parado do
seu lado
Porque se ele passa
fome
Sabe como é:
Ele rouba e mata um

homem

Seja você ou seja o Pelé
Você e o Pelé morre-
riam igual
Então que morra o pre-
conceito e viva a união
racial
Quero ver essa música
você aprender e fazer
A lavagem cerebral

Racismo é burrice

O racismo é burrice,
mas o mais burro não é
o racista
É o que pensa que o ra-
cismo não existe
O pior cego é o que não
quer ver
E o racismo está dentro
de você
Porque o racista na
verdade é um tremen-
do babaca
Que assimila os pre-
conceitos porque tem
cabeça fraca
E desde sempre não
para pra pensar
Nos conceitos que a
sociedade insiste em
lhe ensinar
E de pai pra filho o ra-
cismo passa
Em forma de piadas
que teriam bem mais

graça	Ninguém explica	cismo é burrice
Se não fossem o retrato	Precisamos da lava-	Racismo é burrice
da nossa ignorância	gem cerebral pra aca-	
Transmitindo a discriminação desde a infância	bar com esse lixo que	E se você é mais um
E o que as crianças aprendem brincando	é uma herança cultural	burro, não me leve a
É nada mais nada menos do que a estupidez se propagando	Todo mundo que é racista não sabe a razão	mal
Nenhum tipo de racismo - eu digo nenhum tipo de racismo - se justifica	Então eu digo meu irmão	É hora de fazer uma lavagem cerebral
	Seja do povão ou da "elite"	Mas isso é compromisso seu
	Não participe	Eu nem vou me meter
	Pois como eu já disse: racismo é burrice	Quem vai lavar a sua mente não sou eu
	Como eu já disse: ra-	É você

A música pode ser encontrada no site:

<https://www.youtube.com/watch?v=MDaB8muAANc>

Essa preta não é mulata, não é mulata essa preta – Akins Kintê

AkinsKintê operário da vida diária, nos momentos vagos delicia, briga e enamora as palavras. Autor do livro "Punga" co-autoria com Elizandra Souza (Edições Toró, 2007). Participou de coletâneas literárias como: GRAP antologia poética de jovens talentos (2007). Sarau Elo da Corrente "Prosa e Poesia Periférica (antologia 2008) Editora Elo da Corrente. Participou do recital Negroesia com o escritor Cuti, direção Beta Nunes, apresentou na Casa das Rosas São Paulo e na livraria MAZZA. Belo Horizonte. Idealizador, diretor, câmera e roteirista do curta "Vaguei nos livros e me sujei com a m... toda" (2007), dirigiu o documentário "Várzea a bola rolada na beira do coração (2010).



Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO

Essa preta não é mulata
Não é mulata essa preta
Você chamando assim
Você só maltrata
Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Não chama ela assim
Vai arrumar uma treta

Essa preta não é mulata
Não é mulata essa preta
Cá entre nós
Palavra feia e chata

Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Aprendi foi assim
E mando essa letra

Essa preta não é mulata
Não é mulata essa preta
Abandone essa ideia
Arranque da língua a chi-
bata

Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Rabisca o chão com arco-í-
ris
Incrível borboleta
Essa preta não é mulata
Não é mulata essa preta
Putá ideia torta

Desapegue, que desacata
Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Nem coisificação
Brinquedo dos careta

Essa preta não mulata
Não é mulata essa preta
Você chamando assim
Só perde e nem empata

Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Por respeito carinho
Que empunho a caneta

Essa preta não é mulata
Não é mulata essa preta
São mulheres não mula
Avisa os da gravata

Não é mulata essa preta
Essa preta não é mulata
Esse termo não agrada
agride
Então vê se respeita

Entendendo as palavras

Mulata

Palavra de origem espanhola, feminina de "mulato", "mulo" (animal híbrido e infértil) foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos.

O poema e vídeo podem ser encontrados no site:
https://www.youtube.com/watch?v=NaQ-HAffY_g

Racismo (14/5/75) – Luís Fernando Veríssimo

Foto retirada da internet/DIVULGAÇÃO



Luís Fernando Veríssimo escritor brasileiro, nascido no Rio Grande do Sul, mais conhecido por suas crônicas e textos de humor, precisamente de sátiras de costumes, publicados diariamente em vários jornais brasileiros. Veríssimo é também cartunista e tradutor, além de roteirista de televisão, autor de teatro e romancista.

- Escuta aqui, ó crioulo...
- O que foi?
- Você andou dizendo por aí que no Brasil existe racismo.
- E não existe?
- Isso é negrice sua. E eu que sempre te considerei um negro de alma branca... É, não adianta. Negro quando não faz na entrada...
- Mas aqui existe racismo.
- Existe nada. Vocês têm toda a liberdade, têm tudo o que gostam. Têm carnaval, têm futebol, têm melancia... E emprego é o que não falta. Lá em casa, por exemplo, estão precisando de empregada. Pra ser lixeiro, pra abrir buraco, ninguém se habilita. Agora, pra uma cachacinha e um baile estão sempre prontos. Raça de safados! E ainda se queixam!
- Eu insisto, aqui tem racismo.
- Então prova, Beißola. Prova. Eu alguma vez te virei a cara? Naquela vez que te encontrei conversando com a minha irmã, não te pedi com toda a educação que não aparecesse mais na nossa rua? Hein, tição? Quem apañhou de toda a família foi a minha irmã. Vais dizer que nós temos preconceito contra branco?
- Não, mas...
- Eu expliquei lá em casa que você não fez por mal, que não tinha confundido a menina com alguma empregada de cabelo ruim, não, que foi só um engano porque negro é burro mesmo. Fui teu amigão. Isso é racismo?
- Eu sei, mas...

- Onde é que está o racismo, então? Fala, Macaco.
- É que outro dia eu quis entrar de sócio num clube e não me deixaram.
- Bom, mas pera um pouquinho. Aí também já é demais. Vocês não têm clubes de vocês? Vão querer entrar nos nossos também? Pera um pouquinho.
- Mas isso é racismo.
- Racismo coisa nenhuma! Racismo é quando a gente faz diferença entre as pessoas por causa da cor da pele, como nos Estados Unidos. É uma coisa completamente diferente. Nós estamos falando do crioulo começar a frequentar clube de branco, assim sem mais nem menos. Nadar na mesma piscina e tudo.
- Sim, mas...
- Não senhor. Eu, por acaso, quero entrar nos clubes de vocês? Deus me livre.
- Pois é, mas...
- Não, tem paciência. Eu não faço diferença entre negro e branco, pra mim é tudo igual. Agora, eles lá e eu aqui. Quer dizer, há um limite.
- Pois então. O ...
- Você precisa aprender qual é o seu lugar, só isso.
- Mas...
- E digo mais. É por isso que não existe racismo no Brasil. Porque aqui o negro conhece o lugar dele.
- É, mas...
- E enquanto o negro conhecer o lugar dele, nunca vai haver racismo no Brasil. Está entendendo? Nunca. Aqui existe o diálogo.
- Sim, mas...
- E agora chega, você está ficando impertinente. Bate um samba aí que é isso que tu faz bem.

A crônica pode ser encontrada no site:

<http://musicapoesiabrasileira.blogspot.com.br/2007/11/racismo-crnica-de-verissimo.html?m=1>

Contatos e Endereços na rede:

Site: www.pibidfilosofiaufmt.wix.com/pibidfilosofiaufmt

E-mail: pibidfilosofiaufmt@gmail.com

Facebook: PIBID - Filosofia UFMT

Youtube: Pibid Filosofia Ufmt Cuiabá

Apoio:

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

Escola Estadual Francisco Alexandre Ferreira Mendes

Escola Estadual Presidente Médici

ISBN: 9788532706317

